

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

DE SOUZA, Reginaldo Tadeu Batista . Reginaldo Tadeu Batista de Souza (Adamastor) (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 34min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Reginaldo Tadeu Batista de Souza (Adamastor)
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Ademir Takara; Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 17/11/2014 a 17/11/2014

Duração: 2h 34min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1980; Casamento; Esportes; Família; Formação acadêmica; Formação escolar; Hélio Silva; Mulher; Polícia; São Paulo; São Paulo Futebol Clube ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 17.11.2014 Apresentações iniciais; a origem do apelido “Adamastor”; a relação com a mãe; formação escolar; a relação com os estudos acadêmicos; o contato com o futebol e a preferência pelo samba; a escolha pelo São Paulo Futebol Clube; a primeira ida ao estádio em 1981; o contato com a Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp) na época de Hélio Silva; o início da trajetória em torcida organizada na Torcida Tricolor Independente; a rotina em dias de jogo; o respeito entre torcedores rivais; a paixão pela bateria e o primeiro desfile na Sociedade Rosas de Ouro; as idas ao Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi); as viagens com a torcida; a questão da rivalidade entre torcidas e relatos de jogos marcantes; análise do policiamento nos estádios e a violência; relatos de enfrentamento entre torcidas e a importância do diálogo entre os líderes das torcidas; a morte de Cleofas Sóstenes Dantas da Silva (Cléo); o episódio da morte de um torcedor do Santos Futebol Clube e o afastamento da torcida organizada; a falta de participação feminina na Independente; o auge das torcidas nos anos 80; a diferença entre a violência antigamente e atualmente; os gritos de festa da torcida; o papel da torcida na sua formação pessoal; o processo de articulação com a Torcida Jovem do Flamengo; o respeito entre torcidas; o papel do líder da torcida organizada e a modificação no estatuto do torcedor; o processo da “Retomada”; a construção da personalidade “Adamastor”; a tentativa de diálogo entre torcida e polícia no período de sua gestão como presidente; relatos de alguns episódios de brigas; as atividades após a saída da torcida; o casamento em 1995 e o trabalho em uma corretora de valores; prospecto do seu tempo na torcida; a relação com os filhos e os seus futuros; a migração das torcidas para o carnaval e o reflexo das rivalidades entre torcidas nas escolas de samba; agradecimentos finais.

Entrevista: 17/11/2014

B.H. – Muito bom dia, hoje é dia 17 de novembro de 2014, estamos aqui com o mestre Adamastor, ex-presidente da torcida Independente, atualmente mestre de bateria de diversas escolas de samba, tendo também uma empresa voltada para essa temática. Estamos com o projeto Territórios do Torcer. Participam dessa gravação Ademir Takara, Bruna Gottardo e Bernardo Buarque. É uma parceria entre a Fundação Getulio Vargas e o Museu do Futebol. Adamastor, muito obrigado, por nos receber aqui no seu escritório, é uma honra e uma alegria conhecer o mito Adamastor e a gente queria começar sabendo da sua trajetória, seu ano de nascimento, local, seu nome completo.

M.A. - Na verdade eu já vou começar com um dado muito bacana para você, porque meu nome é Reginaldo Tadeu Batista de Souza, sou nascido em 28 de junho de 67, tenho 47 anos de idade, e um dado que começou em torcida organizada e faz parte do meu contexto pessoal, familiar, amigos, a minha identidade hoje é Adamastor, e as pessoas muitas vezes não sabem o porquê do Adamastor; tenho amigos meus de anos que me conhecem e não imaginam que meu nome é Reginaldo. Porque na época que eu entrei na Independente, obviamente todo mundo me chamava de Reginaldo, e todo mundo tinha apelido, e Reginaldo não soa bem, não é legal, e num determinado momento naquele período estava passando uma propaganda na televisão que era uma propaganda da Pomarola, e quem fazia a propaganda era o Jô Soares, ele era caracterizado de mulher e tinha um gordinho do lado comendo cachorro quente, e o gordão no comercial, o Jô Soares como se fosse a mãe do gordinho, virava para ele e falava “come tudo, Adamastor”. Aí os caras “ó o Adamastor aí”, e ficou, cara, e hoje é a minha marca. A minha empresa chama Adamastor, porque se tornou muito forte para mim. Fui numa numeróloga, porque eu tive uma crise de identidade, quem eu sou? De fato, ficou constatado isso; isso vem da origem de torcida organizada. Nasceu lá dentro, hoje nesse meu mundo do carnaval para onde eu migrei, e tanto de torcida organizada, mas ninguém faz ideia que eu me chamo Reginaldo, porque Adamastor é um nome também e ficou marcante. E nesse mundo corporativo o qual eu vivo hoje também, a mesma coisa, ninguém faz ideia que é apelido. Eu vou nas empresas hoje, que as pessoas contratam Adamastor, eu tenho que dar minha identidade, tal... “o senhor Reginaldo está aqui”, “não, não tenho reunião com Reginaldo”. Você vê que engraçado, e isso deu origem em torcida organizada.

A.T. - A sua família te chama de Adamastor?

M.A. - Muita gente me chama de Adamastor. Reginaldo é tipo mãe brava, “Reginaldo!” “opa”, [risos], mas tipo, é um orgulho que eu tenho de carregar isso, porque muitas vezes, eu acho que pela oportunidade ruim, oportunidade ruim é difícil, mas algumas pessoas ainda carregam recordações ruins, e eu por incrível que pareça eu consigo extrair durante toda minha vida, por onde passei, coisas boas, e por incrível que pareça eu não tenho guardado nada de ruim, não carrego nada de ruim de toda minha vivência que eu tive em torcida organizada.

A.T. - Você é de São Paulo mesmo?

M.A. - Sou de São Paulo. Nasci e fui criado no Jardim Brasil.

B.H. - Seus pais faziam o que?

M.A. - Na verdade meu pai faleceu quando eu tinha um ano de idade e minha mãe me criou e mais três irmãos, então, essa relação familiar de ter pouco contato familiar com a minha mãe e pouca afetividade por questão das circunstâncias, é isso que me... que é uma referência para mim hoje, que também me fez tornar um cara forte. Na verdade forte no sentido de segurar a onda, de não querer demonstrar; depois que você vai tendo maioridade você vai tendo suas próprias respostas, e no seu íntimo a gente é normal como qualquer pessoa, mas desde a infância aonde vem dando a clareza de tudo que você se torna, então eu fui uma criança já com muitas dificuldades.

A.T. – Você é o mais novo?

M.A. - Na verdade dos meus irmãos eu sou o terceiro. Essa dificuldade de criação da época, tudo, é o que me fez ter grandes aprendizados hoje, porque minha mãe criou quatro filhos sozinha. Distância de relacionamento e isso de jogar no mundo e você lidar como criança com todas as dificuldades, o que poderia ser uma insegurança para mim até eu crescer cheio de traumas, pelo contrário, eu tirei tudo isso como ensinamento e me tornou um cara forte hoje.

B.H. - Pode-se dizer que foi uma família de classe média baixa na sua infância?

M.A. - Classe média baixa.

B.H. - Que escola você estudou?

M.A. - Eu estudei no Faria Lima que era muito próximo da minha casa no Jardim Brasil, e a minha própria convivência no primário com as crianças, tudo, foi muito difícil também, porque eu sempre fui gordinho, tinha o diferencial, e na época não existia a palavra bullying, ninguém estudava bullying, mas hoje eu tenho convicção que eu sofria bullying todos os dias. Para você ter uma ideia, olha o que é história, minha mãe nem sabia disso, eu sozinho, eu não andava em turma na escola, todo dia que eu saía da escola na rua, eu brigava, porque tinha os grupinhos,

e sabe o tipo, olha o gordinho lá, vamos brigar com ele... todo dia arrumavam uma briga comigo e todo dia eu brigava, todo dia eu batia em alguém, ia embora sozinho, e voltava sozinho para escola, e no dia seguinte eu ia sozinho. E chegava em casa como se nada tivesse acontecido. O que poderia criar um trauma e insegurança o que acontece hoje com muitas crianças foi me fortalecendo. Hoje eu tenho essas explicações, mas antigamente, a cada dia eu ia superando.

B.H. - Você gostava de estudar? Estudou até que série?

M.A. - Bernardo, eu fui... na verdade eu entrei na faculdade e eu digo que eu sou um cara de humanas, não sou um cara de exatas. Cheguei até a faculdade aos trancos e barrancos, mas quando eu comecei a cursar a faculdade, essa minha paixão por futebol e samba, de fato, não me deixou continuar, porque na época que eu entrei na faculdade eu já era mestre de bateria de escola de samba. O futebol me levou ao samba ao qual eu cheguei no cargo de mestre de bateria, e por questão de falta de condições, eu tinha que escolher ou samba ou faculdade, então, como eu sempre fui apaixonado por tudo que eu fiz na vida, não precisou nem ter força. E eu acredito que o conhecimento que eu tenho hoje de vida, a minha profissão, a minha relação familiar, eu posso falar que eu já fiz umas dez faculdades na vida.

A.T. - Você fez qual curso?

M.A. - Administração. Não terminei.

A.T. - Você já pensou em fazer um outro curso?

M.A. - Na verdade todos os cursos que eu faço por incrível que pareça tudo associado ao meu trabalho. Se fosse falar um conhecimento que hoje eu sou frustrado por não ter, único e direto é o inglês. A única coisa que eu me arrependo não ter é o inglês, porque eu vejo hoje o que faz falta profissionalmente, e eu, de fato, eu sei que não tenho mais memória, já fiz *coach* em inglês, não rola, então é uma frustração que eu sei que vou lidar o resto da vida. Agora, como conhecimento acadêmico, eu até tive umas crises, pô, não fiz, eu parei para pensar, hoje, por exemplo, no meu trabalho RH, eu tenho mais conhecimento do que muitos diretores de RH que tem empresa, que eu vou em reunião, eu falo, esse cara não sabe de nada de RH. [risos] E é isso, porque naturalmente tudo que eu faço na vida eu gosto de fazer bem feito. Eu sou aquele cara didata. Tanto que eu comecei a fazer esse tipo de trabalho, um dia uma agência falou para mim “Adamastor, você é palestrante, cara”, “eu sou palestrante?”, tudo veio didata. Então eu falo que eu sou um cara privilegiado nesse mundo por ter tido tantas oportunidades, e hoje uma das bases que é justamente é o conteúdo dessa matéria, uma das principais bases como homem, profissional que eu sou, como pai de família, é a torcida organizada.

B.H. - O gosto pelo futebol vem já da escola, você jogou desde menino, tem alguma relação com a tua infância?

M.A. - Na verdade, eu vou te falar uma coisa, eu nunca tive gosto por futebol. A minha história, para você ter uma ideia, quando criança eu era fascinado por barulho, por ritmo, e no meu ginásio, no segundo colégio que eu estudei, eu comecei a ter contato com fanfarra. Eu tive aquele contato com fanfarra, me despertou a paixão, fiz de tudo para entrar na fanfarra na parte de percussão, entrei na fanfarra. Então a minha paixão na verdade era por essa relação de percussão, de música, não propriamente de futebol. Porque eu nunca fui jogar futebol, sempre fui gordo, e nunca me dei bem no futebol. Então eu falo hoje nas minhas palestras que o brasileiro é o país do futebol e samba, já que eu não pude ser jogador de futebol, fui ser sambista.

B.H. - E o gosto por estádio, por ir a estádio quando começou?

M.A. - Então, Bernardo, a minha trajetória começou obviamente com essa paixão da percussão, e também saindo da puberdade, jovem mesmo, criança, a minha mãe tinha hábito de ir numa madrinha minha, que era tia Cida e tio Paulo, e meu tio Paulo tinha uma copa, um ambiente separado do apartamento dele que todos os domingos que eu ia lá, ele sentava lá, colocava o radinho e ficava ouvindo o jogo de futebol. Eu tinha um ano de idade, meu pai era corintiano e minha mãe era palmeirense, só que eu não tinha contato com a minha mãe com relação ao futebol. E todo domingo eu ia no meu tio, eu sentava do lado dele e ficava lá ouvindo o jogo com ele, e era o jogo do São Paulo, ele era são-paulino. Aquilo me despertou a paixão pelo time. Porque tinha que ter alguma linha para me levar. E eu me tornei são-paulino ali. Eu fiquei fascinado pelo São Paulo, comecei acompanhar tudo. Eu lembro que eu comecei a trabalhar de office-boy, eu ia nos lugares e tinha revista, aí tinha fotos dos jogadores, eu rasgava a revista, ali começou a minha paixão. Eu sou da época que era o Waldir Peres, o goleiro, eu peguei essa geração. E aí o que acontece é que numa dessas oportunidades, minha prima se casou e o marido dela, o Silvino, também são-paulino, e ele vendo essa paixão minha pelo São Paulo, e eu era criança, até que um dia ele falou “cara, vamos um dia no jogo?” E aí eu fui.

A.T. - Você tinha quantos anos?

M.A. - Cara, eu acho que tinha 14 anos, 1981, porque naquela época... eu não tive oportunidade de ir antes para o estádio de futebol. Eu vou te colocar até um dado a mais, a gente vai falando eu vou lembrando, antes de ir com o Silvano no primeiro jogo do São Paulo, um amigo meu, que eu entrei numa empresa que eu era office-boy, ele me levou, e eu fui ver Corinthians e

América de Rio Preto no Pacaembu. Eu fiquei fascinado pelo estádio, mas nem o Corinthians, nem o América me deu... Eu fui para conhecer. Então meu primeiro momento, que eu entrei no primeiro estádio foi o estádio do Pacaembu, no jogo Corinthians e América, eu já era são-paulino, por questão do meu tio, e depois eu tive oportunidade do Silvino me levar para os estádios para assistir de fato os jogos do São Paulo. E aí obviamente nessas idas aos jogos, eu comecei a ver as torcidas organizadas. Eu falei, pô, cara, eu não vou vir aqui, ficar sentado para ver jogo e os caras lá pulando. Na época tinha o papel higiênico, que foi uma tendência de 78, da Argentina, que tinha chuva de papel higiênico, a torcida do São Paulo soltava o pó de arroz, quer dizer, cara, o espetáculo da arquibancada, de fato, quem viveu, hoje não vai mais ver aquilo.

B.H. - Mais de cem mil pessoas...

M.A. - Mais de cem mil pessoas, as torcidas organizadas com mais de cem bandeiras, a festa, o papel picado, até rojão soltava na arquibancada naquela época, mas o que acontece é que aquilo me fascinou. Até que como eu comecei a trabalhar de office-boy, eu falei, cara, deixa eu saber onde fica uma torcida organizada, levantei o endereço... na época eu levantei o endereço da Tusp, que era a Torcida Uniformizada do São Paulo e da Independente. Só que eu fui até na Tusp para conhecer, mas não tive identificação nenhuma com os caras e aí eu fui na Independente.

B.H. - Nessa época era o Hélio Silva na Tusp?

M.A. - Era o Hélio Silva. E o cara era famoso, tudo, mas por incrível que pareça não me identifiquei com a torcida. Aí eu vi os caras lá da Independente, até um cara que era daquela época que me gerou uma tendência a gostar da Independente foi o Bitão, que se tornou até meu vice-presidente, quando eu me tornei presidente, e um grande amigo. Ele ficava lá pulando, ele é muito engraçado, e foi o que me despertou ir para a Independente. Eu fui na Independente, fiz a inscrição, e dali começou a minha trajetória em torcida organizada.

B.H. - Eram as duas principais torcidas do São Paulo na época e a Independente já tinha projeção de ser a principal torcida ou ainda era uma segunda força?

M.A. - Na verdade assim, a galera da Independente tinha uma grande rivalidade com a Tusp porque eles queriam ser a maior. Mas eu acredito que a projeção, a mudança e o crescimento da Independente foi justamente naquela época, que o Ferrão era presidente. Por se diferenciar e também ser uma torcida mais unida aí começou a gerar esse interesse da grande massa dos jovens na época.

B.H. - Onde era a sede na época?

M.A. - A sede até hoje é no mesmo lugar, na rua 24 de Maio, na galeria Presidente.

B.H. - Você entrou e entrou de cabeça?

M.A. - Para você ter uma ideia, eu tenho um dado que desde que eu entrei para torcida organizada... e olha que engraçado, essa semana eu estava com a minha família, o meu cunhado saiu para ir ver o jogo do São Paulo e não almoçou com a gente no domingo, e ali me deu um insight assim, eu voltei, porque eu fiquei mais de 20 anos da minha vida sem almoçar de domingo com a minha mãe, que eu saía; para você ter uma ideia, a gente chegava no Morumbi nove horas da manhã para arrumar bandeira, o caramba, muitos anos, então eu fiquei muitos anos da minha vida sem almoçar em casa no domingo. Eu não sabia o que era ver televisão. Eu não me imaginava fora de torcida organizada. Um tal envolvimento de domingo estar em casa e o São Paulo está jogando, a Independente está lá, e eu passei durante muitos anos da minha vida com essa rotina.

B.H. - Sua mãe aceitou?

M.A. - Minha mãe aceitou porque, olha que engraçado também, durante toda a minha trajetória a minha mãe foi uma única vez na delegacia me tirar, que foi uma briga de rua e tal, aí naquela briga a polícia me pegou, me levou para a delegacia, fui para a Febem na época, para mim foi um choque, você imagina eu garoto totalmente de família, o caramba, uma única vez, e logo que eu entrei na torcida aconteceu isso, logo que eu entrei na torcida. E ali já me veio a primeira reflexão, falar, opa, pega mais leve, o buraco é mais embaixo; minha mãe foi uma única vez, me lembro que ela falou poucas palavras, e dali para frente o recado dela valeu. Durante todos esses anos de torcida organizada, entrei em 81 na torcida, ela nunca teve algum problema ou alguém lá em casa falar alguma coisa com relação a algum problema que eu tive em torcida organizada. Porque eu sempre fui um cara muito conseqüente e consciente dos meus atos. Tanto que o respeito que eu tenho hoje de torcida organizada porque eu nunca fui injusto com ninguém. Obviamente todo mundo gosta de saber em relação a brigas, tudo, era aquela relação do trajeto, eu nunca fiz covardia, eu nunca fui na casa de ninguém para brigar, como ao mesmo tempo eu não permitia que ninguém fosse na minha. O que é engraçado, a Mancha Verde quando surgiu que era grande, na esquina de casa, os caras saíam com 50 caras ali, na rua debaixo saía o Gaviões da Fiel, e a Independente não tinha núcleo nenhum no meu bairro. Eu saía da minha casa com a camisa da Independente, passava no meio dos caras, “bom dia, boa tarde”, todo mundo me respeitava, pegava meu ônibus, ia, nunca sofri nenhuma covardia, pela

relação da troca do respeito. Isso sempre esteve comigo presente desde quando fui de torcida organizada; foi uma herança que eu vim trazendo. Tem uma história muito engraçada que tinha um mano velho na torcida, o apelido dele era Mano Velho, Nivaldo, ele foi dormir em casa. Era um sábado, eu falei, no domingo a gente vai para o jogo. Cara, eu lembro que esse cara gelou, porque quando ele saiu de casa, eu nem falei com ele, quando a gente saiu da minha casa, que eu cheguei na esquina, a gente se deparou com uns 50 caras da Mancha. Eu lembro que ele pegou assim no meu braço e falou “corre”, “que corre, meu?” Entendeu? E a gente passou no meio dos caras, “bom dia, tal”, e na verdade era toda a galera do bairro. Mas tanto eu perante eles, e eles comigo nunca faltaram respeito. Tem outras histórias também que eu vou contar associada a respeito que foi uma coisa como... obviamente depois que eu me tornei líder que eu prezava demais, que era o que é covardia e o que é procedimento. Então isso já começou a fazer parte de mim.

B.H. - Você entra para a Independente, você já começa a fazer parte de algum departamento?

M.A. - Na verdade assim, eu fui descobrindo a minha atuação em grupos justamente nessa época. Porque eu queria fazer parte de tudo. Quando eu entrei na Independente, eu já era fascinado por bateria de escola de samba; como era a Independente na época? Tinha uma galera que era o pessoal da bateria, que era um pessoal da escola de samba, eles não eram nem muito ligados a torcida, eles iam lá pela farra da cerveja, tocar, e o Ferrão que era o presidente tinha ligação com a escola de samba e tinha amizade com esse pessoal. E esse pessoal por amizade com o Ferrão vinha tocar de domingo na Independente. E a famosa Molecada, porque tinha nomenclatura de Molecada, eu entrei na torcida e já comecei a fazer parte da Molecada. Bom, eu era fascinado pela bateria, mas eu não sabia tocar nada. Quando dava um intervalo do time, esse pessoal da bateria ia tomar cerveja, e os instrumentos ficavam lá, aí a gente da Molecada ia lá e começava a tocar. Como eu não me identificava com nada, aí eu comecei a pegar o chocalho, o chocalho era um instrumento desprezado, e eu comecei a tocar com o pessoal da bateria chocalho, e comecei a desenvolver chocalho. Já era ruim no chocalho, e eu aprendi a tocar mesmo de tanta insistência, e aí a minha origem na bateria foi dessa forma. Aí o que acontece é que com o passar dos anos, esse pessoal, junto com o Ferrão, participavam de escola de samba que era do Rosas de Ouro. E quando eu peguei mais afinidade com os caras, eles me levaram para o Rosas de Ouro, aonde eu tive oportunidade de desfilar pela primeira vez.

A.T. - Havia uma integração entre a Independente e a Rosas?

M.A. - Na verdade, a integração era questão de amizade, que o pessoal da Independente frequentava muito o Rosas de Ouro por simples circunstância do Ferrão já ter desfilado lá, ter um pessoal que tocava que também era do Rosas de Ouro, mas não tinha nenhum elo, não tinha nada associado as instituições, era mais pessoal. Tanto que o Zuka, que na época de 80 foi mestre de bateria do Rosas de Ouro, ele também é são-paulino, e ele também começou a frequentar a Independente por amizade com o Ferrão tudo, então criou esse elo do futebol e samba.

B.H. - Nesse momento você vira Adamastor ou é mais a frente?

M.A. - Na verdade nesse momento eu viro Adamastor. Aonde gerou o apelido, me deram o apelido, e aí por paixão, que eu já tinha desde a época de criança por percussão, lá na Fanfarra, me deparei com bateria de escola de samba, na arquibancada, aí eu tive oportunidade de ser levado através dos amigos para uma escola de samba que era a Rosas de Ouro. Como o Zuka também fazia parte da arquibancada, eu tive a facilidade de entrar, e aí comecei a tocar caixa, quer dizer, aprendi a tocar caixa na torcida e aí fui tocar caixa no Rosas de Ouro. Não faltava a um ensaio. Eu fui um cara que eu era muito dessa questão fazer bem feito, eu não tinha essa de vou lá de vez em quando, eu era muito determinado. E aí eu não faltava a um ensaio no Rosas de Ouro, fiquei cinco anos no Rosas de Ouro.

B.H. - Aí você trabalhava como office boy, frequentava torcida e frequentava carnaval?

M.A. - Isso. A minha juventude foi essa realidade.

B.H. - Qual a sua primeira lembrança ou mais remota de caravana, viagem com torcida, quando começou isso? A gente sabe que é um rito de iniciação importante dentro da torcida.

M.A. - Na verdade, a palavra caravana para mim começou da sede ao Morumbi, porque não era uma tendência em São Paulo, na época que eu comecei torcida organizada existia a famosa CMTC, que tinha um ônibus no Vale do Anhangabaú, e as torcidas, o povão saía de lá, e as torcidas organizadas naquela época saía com um ônibus, no máximo dois ônibus de suas sedes para ir para o Morumbi. Para mim a relação de caravana... pô, quando eu entrei num ônibus, torcida organizada, e estava indo para o Morumbi, porque eu ia de Anhangabaú, pô, para mim foi um marco. Você fala “eu estou dentro do ônibus da Independente”, a relação de caravana começou lá. E aí veio o famoso batismo também, o batismo era os caras vinham e descer o coro em você, e aquilo foi fortalecendo a sua segurança, porque também na torcida tem um grau de rejeição, espera aí, você não é ninguém, chegou agora e já quer sentar na janelinha? E eu tive que passar por esse processo, até eu criar um respeito lá dentro, mas demorou muito tempo,

mas eu era persistente, não desistia. Eu ia todo jogo, todo jogo eu apanhava no ônibus, mas eu ia.

B.H. - Como na escola?

M.A. - Exatamente. Então, Bernardo, o que acontece? Primeiro começou nessas idas ao Morumbi, e aí depois eu tive oportunidade de viajar. Voltando ao lado familiar, o que na verdade eu aprendi em casa? Minha mãe só me perguntava, para onde você vai e que horas você volta? Isso para mim era fundamental. Então eu nasci com isso, fui criado dessa forma, então isso eu tinha muita responsabilidade. Vou pra tal lugar, vou fazer tal coisa e vou voltar tal hora, e eu sempre cumpria isso com a minha mãe, por isso eu nunca tive problema. Isso me tornou a ter muita responsabilidade familiar. E obviamente, nessas viagens de caravana, eu não me lembro especificamente qual foi a primeira ou as primeiras, mas para mim era uma festa quando tinha viagem. Um dado que eu sei que é bem legal, quando eu entrei na Independente tinha um tabu lá dentro que a Independente fazia muito tempo que não viajava para o Rio de Janeiro por circunstância da tabela do Brasileiro, caia jogo se semana, o caramba, e a Independente não ia. E eu lembro que quando eu entrei calhou de cair um jogo no Maracanã, e aquilo para a Independente foi um marco, porque foi uma possibilidade que existia na própria torcida como um tabu, que a tabela não permitia de ir, e quando eu entrei calhou da torcida ir para lá. Nem me lembro que jogo foi, acho que foi São Paulo e Flamengo, e foi uma quebra do tabu; e para mim, você imagina, eu garoto, chegar no Maracanã, e na época Maracanã era Maracanã, foi muito legal.

A.T. - Teve uma expectativa da torcida poder ir?

M.A. - Exatamente, porque era uma expectativa de todo mundo, até dos caras que já eram antigos na torcida, porque os caras queriam viajar, principalmente para o Maracanã. Mas só que a tabela não permitia.

B.H. - E essa rivalidade já estava colocada com o Vasco?

M.A. - Era muito mais sutil, era uma relação mais de competição de times, as torcidas não eram tanto conhecidas. E o que eu tenho que ser muito honesto, a torcida do São Paulo naquela época não tinha credibilidade. Ali já começou uma cultura minha de falar “eu vou fazer essa coisa mudar”. Então para a gente era tranquilo, ia nos lugares, não tinha tanta rivalidade, chegava quieto saía calado, e vamos embora.

B.H. - Por exemplo, em 86, campeonato brasileiro, contra o Guarani, você tem recordações?

M.A. - Muitas, que foi a final do Brasileiro, pô, no Brinco de Ouro. Eu vou te falar uma coisa, quando a gente chegou na final, a gente foi com muitos ônibus para lá; uma coisa muito bacana é quando a gente ficou atrás do gol, tem uma arquibancada superior lá em Campinas, quem estava naquela arquibancada no meio da torcida do Guarani? Moacir, o Cléo e uns caras da Mancha, e os caras ficaram bem na quina, tipo, na época era cão e gato, a gente tipo queria um matar o outro, pela circunstância que era muito... a gente tinha muito mais rivalidade com a torcida do Palmeiras do que com o Corinthians. E os caras em 86 estavam lá. Cara, para mim foi um dos melhores jogos da minha vida, de você como são-paulino, como torcida, você ver o que estava acontecendo ali naquela hora. Para você imaginar a gente passou o tempo todo atrás do gol com o hino do Guarani tocando, e aquilo no ouvido, e a gente vendo o jogo acabar... Então quer dizer, foi um marco para a gente aquele jogo do São Paulo, acho que empatou no último minuto, e aí ganhou nos pênaltis, porra, então aquele jogo foi demais. E quando a gente fala de marco, eu nem era de torcida organizada num jogo que eu tenho muito claro na minha mente, foi São Paulo e Botafogo, no Rio, eu não me lembro do ano, está aqui meu amigo para me lembrar, que foi o gol mais bonito do ano do Everton, que pegou sem pulo, que o São Paulo ganhou de virada do Botafogo, foi no Morumbi, foi em 81, semifinal, isso mesmo. Em 81, eu nem era de torcida. Eu tinha 14 anos, foi um dos primeiros jogos que eu fui, pô, quase 150 mil pessoas no Morumbi, Botafogo saiu ganhando 2x0 do São Paulo. Não sei se foi o terceiro gol esse do Everton.

A.T. - Se não me engano não tinha que empatar, mas tinha que ganhar o jogo.

M.A. - Isso. Para você ter uma ideia, eu não sei quem cruzou a bola, o Everton de fora da área, pegou a bola sem pulo, foi o gol mais bonito do ano, e eu estava nesse jogo. Então quer dizer, o espírito de arquibancada naquela época é diferente de hoje, porque tinha uma relação de, sei lá, de entrega, que eu acredito que hoje tem um contexto diferente. Se você me perguntar o que é, eu não sei, mas antigamente era diferente. Para você ter uma ideia, no Morumbi, não dava para sentar. Hoje você tem as rendas, todo mundo tranquilo, aí você fala, cara, como cabia 150 mil pessoas no Morumbi? Então tudo aquilo ajudava a você falar, aquele momento foi inesquecível. E aí continuou, são muitos marcos que teve na torcida.

B.H. - É curioso, muitos dos nossos entrevistados ressaltam as dificuldades que era ir jogo no interior na cidade de São Paulo. Havia algumas cidades que o bicho pegava, isso para você bate também?

M.A. - Cara, eu vou te falar, eu acho que por um privilégio meu, por incrível que pareça, um dos lugares que todo mundo falava que era muito complicado, a própria galera do Gaviões da Fiel que na época era muito forte, tinha muita dificuldade em Marília. E eu falo que um grande privilégio que eu tive, a Independente nunca fez caravana para Marília. Porque qual a relação que existia na época? No interior não existia o peso da torcida organizada, mas sim do estádio inteiro. Era rivalidade do pessoal que vinha da capital com o estádio.

A.T. - O pessoal de fora contra o pessoal do interior.

M.A. - Isso, então aonde tinha mais problemas, de fato, não eram com as torcidas organizadas, por exemplo, Campinas, Campinas era contra Guerreiros, contra o pessoal da Ponte, mas não era o estádio propriamente dito, e, especificamente, em alguns lugares era o estádio. Isso ia muito do dia, porque algumas vezes o time da casa ganha, o pessoal vai embora; mas essa relação do interior tem esse tipo de associação, da galera, do estádio inteiro se voltar contra um ônibus. Então você pega na história de qualquer torcida organizada, jogo no interior é muito difícil. E eu vou te falar que era uma coisa instituída na torcida, que eu vejo em qualquer torcida, o que fazia a torcida ter fortalecimento de briga, sabe o que era? A relação militar, que o povão era solto e a torcida organizada é um grupo coeso. E hoje eu vejo um filme que... ele já se tornou 570, o filme 300, já é 570, porque aquilo é torcida organizada. Porque a torcida organizada tinha liderança e tinha coesão. Uma referência que eu te dou, cara, não me lembro o ano, a gente foi jogar no Pinheirão, no Paraná, contra o Atlético Mineiro, o Atlético Mineiro jogava no Pinheirão, Atlético Paranaense, a gente foi no jogo, nós estávamos em dois ônibus, acabou o jogo, a gente estava num ônibus e num lugar... não foi nada premeditado, nada, a cem metros do ônibus tinha um ponto de ônibus, não tinha policiamento no final do jogo, nada, o estádio inteiro parecia que ia pegar ônibus, tinha uma multidão, e a gente ali, saiu, não tinha policiamento. Nós ficamos ali 40 minutos, a gente fala 40 minutos é rápido... 40 minutos de enfrentamento com o povão, os caras destruíram nosso ônibus. E eles só não trucidaram a gente, a gente só não morreu porque a gente tinha coesão. Porque os caras, era muita gente, e a gente no grupo eu ficava gritando “não corre, não corre”, e ficou chuva de pedra, e vinha um e criava o enfrentamento... Olha só que engraçado, porque os ônibus iam vindo e o pessoal ia pegando o ônibus, que era povão, obviamente depois de 40 minutos eu olhei para o lado, eu falei “agora dá”. E aí a gente foi para cima dos caras, mas, cara, isso é uma história, porque hoje a gente entende que uma grande parcela da culpa do que acontecia fora de São Paulo era o despreparo para a policiamento. Porque o cara pegava um policial da rua, de trânsito, não sei da onde, não

tinha uma tropa de elite as polícias do interior e colocava no estádio de futebol. Então uma grande parcela de todos os problemas que aconteciam fora de São Paulo era falta de preparo. Naquela época a polícia mais preparada do Brasil chamava-se de São Paulo, a polícia de São Paulo sempre foi muito preparada para isso. Até Rio de Janeiro era piada os caras lá, muito mal preparada. E a gente fala hoje, se tivesse um preparo melhor, a realidade seria outra. Porque aquilo, o cara vai lá para ver seu time, ao mesmo tempo que você vai ver se time, você ou vai para bater ou para apanhar, porque os caras vão vir te agredir. Porque tem que agredir? Porque não tem preparo da polícia. Você chega no estádio sozinho, assiste o jogo tem policiamento, acaba o jogo a polícia vai embora.

B.H. - Para lembrar um dos episódios, aquele Santos e Vasco, em São Januário, em 1994, que tinham seis policiais dividindo, isso até hoje...

M.A. - Eu vou te falar que hoje a gente tem inúmeros casos de negligência. Você pega esse atual, Atlético Paranaense e Vasco, os caras se matando, família, um monte de coisa, a polícia vem falar que ela não podia entrar no estádio! Você está entendendo? Você assiste aquilo como torcedor, você fala, é triste você ver aquilo. Por mais que você fale pode ter ódio ou não, porque a relação... até mesmo da própria credibilidade da torcida, os caras falam “não tem ninguém lá, eu não vou bater nos caras”, é óbvio que vai. A polícia sabe daquilo. Depois que acontece a tragédia, “ah, não, não sei”. Então a gente tem inúmeros casos, tantos casos positivos como negativos com relação a esse movimento da polícia. Por isso a minha declaração há muitos anos atrás “o Brasil parece um parque de diversão”, no que diz respeito a torcidas. Na época era relação só da pancadaria, do braço, da briga com o braço, depois começou a se tornar a coisa mais violenta. E atualmente, por exemplo, São Paulo você vê a intervenção da polícia. Os casos isolados, pô, uma coisa é você ter proteção outra coisa é você ser pajem. Não, eu tenho que acompanhar o cara até a porta de casa, é uma relação social, a polícia não consegue fazer isso, mas hoje a preocupação e a conduta da polícia atualmente é muito diferente do que era antigamente. E por incrível que pareça em alguns lugares fora de São Paulo, você vê absurdos, como não tem polícia dentro do estádio, cara! Aí você pega o risco, dependendo da estrutura de um estádio, de acontecer uma tragédia igual aconteceu em Bruxelas, que teve uma briga a 50 metros do local, o pessoal vai para um canto, começa a se espremer e mata... por exemplo, ali do Vasco, vamos supor que a torcida do Atlético Mineiro fosse trucidar do Vasco, que ali tinha condições, não tinha? Se a torcida do Vasco corre e cai todo mundo ali para baixo, onde não tinha saída, morre. Então da minha visão de torcedor de organizada, os caras do Vasco

foram muito homem, dos caras serem obrigados a conter os caras do Atlético para não morrer. Porque imagina, no momento que corre um contingente, aí você cria força para os que estão lá atrás. Porque é assim, torcida organizada é isso. Tem a linha de frente, atrás é o mais ou menos e lá atrás estão os fracos. E aí dependendo da atitude dos caras, até os fracos iam criar força. Você imagina 500 pessoas em cima da torcida do Vasco, ia ter uma tragédia, cara. É que na visão, quem não é de torcida organizada, às vezes não tem essa referência; e isso já aconteceu em inúmeros estádios, inúmeros estádios, de você saber que o cara está brigando para defender ele e defender todo o contingente que está atrás dele, senão morre, cara. Se você encostar ali naquela grade ali, já era. Você viu que foi comprovado, um monte de criança, tudo. Isso para a gente de torcida organizada era o cotidiano, era o cotidiano, que o despreparo, as vezes você ia para o interior, uma arquibancada inteira tinha três policiais na corda. Entendeu? Eu falo assim, o lado bom do aprendizado de torcida organizada é justamente, por incrível que pareça às explicações, hoje a questão da superação, de você querer ser melhor, querer ser melhor na arquibancada, querer ser melhor na briga, querer ser melhor na camisa, querer ser melhor na bandeira, e esse contexto é a questão fundamental da rivalidade. Então a relação da briga hoje é uma herança que *nunca* vai acabar. Porque começou a brigar? Ninguém sabe. Porque vem lá de trás. Quando eu comecei em torcida organizada já tinha briga de São Paulo e Palmeiras, já tinha briga de São Paulo e Corinthians, São Paulo e Santos, e aí? Da onde vem isso, como para? E uma coisa que eu já falava quando era líder de torcida, cara, tem muito cara gente boa na torcida do Corinthians, na torcida do Palmeiras, muito cara gente boa, mas só que na hora que você veste a camisa e vai para a arquibancada acaba isso. Aí você vê hoje numa explicação de um cara que é de torcida organizada, você até conseguir falar, que ignorância! Porque você está brigando sem propósito. Uma coisa é você brigar por um propósito. Porque hoje as pessoas até acham que tem propósito, ele me bateu, deixa eu ir lá e bater também. Mas espera aí, porque estavam batendo um no outro? Porque a guerra também, chega uma hora que um país vai lá e ganha, a torcida organizada, não, é porque um perde, o outro vai lá... não tem origem, não tem fim, cara. E a grande preocupação, onde vai parar isso, porque os caras estão indo presos, estão matando, estão morrendo, aonde vai parar? O que vai fazer? E aí para a sociedade o culpado é o cara da torcida, mas eu até vejo que o próprio cara da torcida nem faz ideia do que ele está fazendo, que propósito que é esse?

A.T. - Quando você era o líder da Independente já teve situação que você conseguiu impedir o enfrentamento?

M.A. - Cara, mas inúmeros, eu vou te falar uma coisa que eu brinco com o meu pessoal, eu nunca apanhei em torcida organizada, nunca, de um grupo me pegar e descer o coro, nunca.

B.H. - Polícia também não?

M.A. - Não, polícia já tomei umas cacetadas. [risos] Mas de torcida organizada eu nunca apanhei; por incrível que pareça tem uma história que não vou poder de deixar de contar, mas só levei um murro na cara, na rua.

A.T. - Mas tinha a ver com torcida?

M.A. - Tinha a ver com torcida. Uma história muito legal que aconteceu, a gente tinha um ciúmes, e na minha época, até hoje tem, a faixa, a bandeira é sagrado, e a gente acorda um dia com a notícia de que a nossa sede do Morumbi que a gente tinha uma sala lá no Morumbi, a nossa sala foi invadida. A hora que a gente chega lá, levaram bandeira, levaram instrumento, levaram nossa faixa, dentro do São Paulo, aí a gente [inaudível], por eliminação, eu não sabia quem era, por eliminação foi a Mancha, só pode ter sido a Mancha. Cara, a gente tinha um poder de mobilização da Independente muito fraco, a Independente era muito fraca de briga, de mobilização, de tudo, e a Mancha tinha um grande poderio, que era o Cléo, o Paulinho, o Moacir, fora toda a rapaziada que era junto com eles, que eram muitos caras da antiga, eles tinham um poder de mobilização muito forte. A gente era moleque na época. E ali eu já tinha um ar de liderança, juntei os caras, falei “não pode passar batido, mexeram no nosso brio”. Não sei de que forma a gente conseguiu juntar uns cinco carros, juntamos, fizemos uma reunião, eu falei “a gente vai lá no Parque Antártica”, que a Mancha tinha uma sede atrás do Parque Antártica, “a gente vai chegar lá, dependendo da reação dos caras a gente vai saber se foram os caras ou não”. Eu lembro como se fosse hoje, dos cinco carros que estavam, eu estava no último carro, a hora que a gente entrou na rua, a 50 metros da sede da Mancha estava cheia a frente a sede da Mancha. A hora que a gente chegou, que os caras da Mancha viram os carros, os caras já saíram correndo. Ali já caiu a ficha, se entregaram. A hora que encostou... ali tinha um processo de história, que tinha um cara que chamava Cléo, e na época o Cléo ele era o cara mais odiado por qualquer torcida de São Paulo, do Brasil, que todo mundo tinha o sonho de pegar esse cara e trucidar ele, porque ele era um líder muito presente e folgado, demais, e ninguém gostava dele. Quando os carros chegaram, os caras correram, só veio um cara correndo na calçada, quem era esse cara correndo que passou por todos os caras? O Cléo. Eu estava no último carro no passageiro. A hora que eu vi o Cléo correndo... eu sempre fui gordo, eu saí correndo do carro... se ele passasse por mim... e o baiano corria demais, a hora que ele

veio correndo eu dei um murro no peito dele, ele bateu no muro e caiu, e ia continuar, mas deu tempo dos caras da Independente vir e pegar ele. O que aconteceu naquele momento? Era o sonho de qualquer um, porque todo mundo deixou de brigar e pegou quem? O Cléo, que estava na mão. Eu lembro que tinha um quintal, uma cena muito clara, todo mundo pegou o Cléo e foi... mas ia trucidar ele. Aí naquela hora, me deu um ar de consciência... eu era o principal, eu queria matar ele. Aí eu falei para os caras da Independente “para, não bate”. “Não bate no cara”, ninguém entendeu nada. Aí encostamos ele na parede, eu falei “Cléo, vocês se entregaram, já ficou evidente que foram vocês que pegaram meu material, a gente vai atrás desse material”. “Não...”. O fundamento da conversa ali, não lembro, mas enfim, aí a gente se desvencilhou; o Paulinho estava dentro da sede, os caras brigando lá, a gente não tinha um poder de briga forte, mas a gente tomou a atitude que tinha que tomar. Ali a gente entrou dentro dos carros, sabe aquele desespero, vamos embora, vamos embora, fomos embora. Aí veio o desdobramento, que o desdobramento para mim é o que marcou minha vida. Eu tinha um relacionamento com um cara que chamava André que morava perto de casa, e eu fui na casa do André bater papo com ele “pô, André, roubaram nosso material, você não sabe quem foi...” batendo papo. Esse André, no dia seguinte que eu fui na casa dele, ele foi lá na Mancha e falou para os caras “o Adamastor foi lá na minha casa para me bater”. Aí no dia seguinte eu estou a noite lá no meu bairro, na rua, com dois amigos meus que não tinham nada a ver com torcida organizada, estou parado na rua, daqui a pouco chega um monte de carro, sai uns caras, quem eram os caras? Da Mancha. Só que eu não sabia o motivo que eles estavam lá, eu estou imaginando que é porque a gente foi lá e eles vieram na minha casa. Os caras chegaram, desceram, eu era gordo, não consegui correr, meus dois amigos saíram no maior pinote, o caramba, aí vem todo mundo em cima de mim, foi aí que eu tomei meu único murro na cara, veio um cara e me deu um murro na cara, aí um cara gritou “não bate no Adamastor”. Quem era? O Cléo.

B.H. - Você salvou ele, ele te salvou.

M.A. - Os caras vieram para me matar. Aí o Cléo “não bate no Adamastor”. Os caras, a mesma coisa, pô... Aí ele chegou assim para mim, me derrubou e falou “1x1” [risos]. E começou aquele debate ali, eu sozinho, no meio dos caras todos, devia ter uns 20, 30 caras. Eu falei, “olha, vocês já estão cometendo uma patifaria que vocês vieram na minha casa”, “não, mas você foi na casa do André pegar o cara”, “eu, fui na casa do André para bater nele?”, “você está falando a verdade?”, “estou. Eu não fui lá para bater”. Olha só o desdobramento disso. Ele falou “você vai lá com a gente na casa do André?”, eu falei “vou”. Meu, naquela época não dava para

sonhar isso. Eu entrei no carro dos caras, junto com os caras para ir na casa do André, eu fui no carro do Moacir! Entrei no Monza dele, vamos lá no André. Procedimento cara. Chegamos na casa do André, tocaram a campainha, ele saiu e não me viu. Aí o André saiu tal, a hora que ele saiu na rua, eu saí do carro, eu olhei para ele. “André, fala aí para o Adamastor, ele veio te matar aqui ontem?” Aí gaguejou. Aí falei para os caras “tá evidente?”, “André, a gente conversa lá na sede, vamos embora Adamastor”. Entrei no carro, fomos embora, os caras me deixaram em casa e foram embora. Você está entendendo a relação de respeito? Por mais que a gente se digladiasse num trajeto, no jogo, no corredor, era preservado naquela época a relação família. E os caras só foram em casa porque um cara falou “o Adamastor veio aqui”, aí deu direito dos caras irem lá. Imagina também se eu não tivesse tido o procedimento com o Cléo de não deixar bater no cara, porque na verdade, naquele momento não era bater no Cléo, porque eu sei, dos caras que estavam comigo, os caras iam matar o Cléo, se fosse no dia de hoje é o que aconteceria. Perdeu, naquele momento os caras iam matar ele, e eu falei, não bate. Então é isso que eu falo como líder que gera frustração, você fala, os líderes perderam a mão.

B.H. - Você lembra o ano? Porque vamos recordar que foi 1988 que ele acaba tendo esse destino.

M.A. - Eu vou te falar que foi um ano, um ano e pouco antes. Para você ter uma ideia, aquele momento criou um vínculo eu com o Cléo que ninguém sabe. Porque fora a torcida organizada, o Cléo vinha, me ligava, trocava ideia comigo. Olha só como esse cara era pretencioso, o São Paulo foi campeão um ano, e a gente ia para a Paulista, eu estava na Paulista comemorando, foi um moleque, me cutucou lá na Paulista “tem um cara ali que quer falar com você”, eu saí do meio da festa, entrei numa rua, cara, isso é história, porque quando a gente foi na sede da Mancha o Cléo perdeu os documentos, e eu não fiquei sabendo. Alguém da torcida, pegou os documentos do Cléo e não me falou. Aí ele mandou o menino me chamar, eu saí, virei a rua, quem está lá? O Cléo. Naquele mesmo ano o São Paulo foi campeão. Você falou 86? No ano que o Cléo morreu? 88.

A.T. - São Paulo foi campeão paulista em 85, brasileiro 86 e paulista em 87.

M.A. - Paulista 87, eu estava na Paulista comemorando, aí desci na rua, ele me chamou, falou “pô, Adamastor, roubaram meus documentos”, ele e o menino. Aí eu falei “pode deixar que eu vou levantar”, levantei, descobri quem estava com os documentos, devolvi os documentos para ele. Então quando que existe isso hoje? Então era uma coisa...

B.H. - Agora, quando ele foi assassinado, um ano depois, qual foi a sua reação? Apesar de todo ódio, você tinha tido... foi um marco, foi um impacto?

M.A. - Eu vou te falar, para mim foi demais porque eu também era líder. Eu vou ser muito honesto, para mim, hoje, conhecendo as torcidas na época, para mim não foi ninguém de torcida organizada que matou ele, não. Porque é muito fácil chegar alguém depois que matou, “fui eu”, tipo, criar, a gente pá. Mas não foi, para mim, não foi. Porque não tinha isso dentro de torcida organizada, seja ela qual for, essa essência de ir lá e matar, não tinha isso. Por mais que a gente sabe que a relação social dentro de uma torcida organizada tem desde o ladrão até o doutor, mas nenhuma torcida tinha isso. Eu, de fato, não acredito que tenha sido alguém de torcida organizada; e me chocou, porque é o que a gente comentou aqui, eu sabia que dentro das torcidas organizadas tinha os caras gente boa. E como um cara que... eu gostava muito de ver comportamento, dava para ver que o Cléo era um cara gente boa. Como um cara tem tantos seguidores na Mancha, tão respeitado, líder, o caramba, e o cara não é gente boa? Os caras amavam ele lá. Para mim ali eu pensei, um cara gente boa morreu, nessa relação de entrega, de doação em uma torcida organizada, porque morreu por causa da torcida organizada, em algum aspecto foi, seja no bairro, seja com os bandidos, mas a torcida que levou ele a tomar essa atitude, seja ela qual for, que eu não quero explicar aqui. Mas é isso. E quando teve aquela... depois de vários desdobramentos, foi a relação que você começa a perceber, pô, está chegando num ponto insustentável. Teve um jogo que foi São Paulo e Santos, jogou no Parque Antártica, o pessoal da Mancha foi fazer uma emboscada para o pessoal do São Paulo, foram tipo pegar, como era no Parque Antártica os caras se juntaram, e numa dessas emboscadas da Mancha um cara da Independente deu uma facada no palmeirense e matou o cara. Eu conhecia até esse menino que deu a facada, e olha só como é complicado, o moleque que deu a facada era um cara do bem, olha o que a torcida leva. Você fala, aquele moleque estava com uma faca no bolso... sabe porque? Os caras sabiam que iam ter emboscada, então é uma defesa, e aí você fala, olha o desdobramento de uma torcida organizada aonde leva. Esse garoto que era um moleque, deu uma facada num cara da Mancha que foi fazer uma emboscada, matou o cara. Eu não fui nesse jogo, eu não estava nesse jogo. Até que dez, 15 dias depois, eu recebo um comunicado “senhor Adamastor, estão te chamando ali para bater um papo no Deic, o senhor está sendo acusado de assassinato.” “Ah, é?” Chamei um advogado “estão me acusando de assassinato”, mas no meu íntimo eu já estava tranquilo. No dia do jogo eu estava dentro de uma sala de aula. Eu fui no Deic, o delegado já veio me escrachando, “que você, todo mundo fala

de você isso, aquilo e tal, onde você estava?”, “estava no colégio”. O advogado falou “precisa falar mais alguma coisa?”, “o senhor tem como provar?”, “está aqui meu boletim, a presença, eu estava dentro do colégio”. Aquele momento foi o marco para eu falar, parei com torcida organizada. Porque eu sabia que se morresse alguém atropelado, iam falar foi o Adamastor, qualquer problema iam falar, foi Adamastor. Aí eu parei.

[FINAL DO ARQUIVO I]

Participante: Uma senhora da Independente, ela fica lá no Vai Vai, ela vende lanche tudo, “Velha da Inde”, uma senhora, vende pernil lá.

M.A. - Na verdade ela é mãe de um cara da Independente, mas não é da minha época é mais recente.

Participante: Certo. Na época tinha uma mulher que participava bastante?

M.A. - Não. Vou te falar que na minha época nem mulher participava. Tinha uma ou outra que participava da torcida, não tinha mulher.

B.H. - Esse é um dado curioso, a gente ao fazer o levantamento para a pesquisa, os contatos, todo mundo é fundador.

M.A. - Ah... Você está entendendo esse lance que eu tinha falado da TUP, você falou com o cara aí. Se você não falou com o Marcelo da TUP você não falou com ninguém, entendeu?

B.H. - Sei. A gente às vezes chega nos nomes através da revista *Placar*, cita um cara e a gente vai tentando chegar.

M.A. - Para mim, o que eu vejo hoje, você fala em torcida organizada, tudo bem que tem a relação contemporânea, todo mundo obviamente... são momentos. Mas o gigantismo das torcidas começaram justamente nessa década de 80. As brigas de fato começaram na década de 80, então se você não falar com ninguém de 80, você não falou com ninguém. É isso que eu acho uma referência, você ir lá, você pega a base, porque essa base te joga hoje para os caras que estão hoje, é até uma sugestão que eu te dou. Porque a relação é completamente diferente. O próprio Danilo é um cara que é o 044 da torcida, mas muito dos principais *cases* da Independente ele não estava. Porque ele não é um cara de briga, tal. O Danilo era o tipo de cara que a gente briga, a gente estava em Campinas, pô, está os caras da Ponte aqui, no morro o caramba, a gente está aqui, 30 caras de frente com os caras, meu, o Danilo “vamos por aqui

para cercar os caras...” [risos] O Danilo é um personagem, é um cara muito do bem. Você vê, na própria Independente tem um cara que teve uma história, mas foi muito rápida, que foi o Chupeta. Mas o Chupeta não tem tantas histórias porque ele foi um cara que ia no Rio de Janeiro, surfista, o caramba, não é um cara que de fato as pessoas reconhecem ele na Independente.

B.H. – Tá filmando? A gente pode concluir a primeira parte. Essa situação que você foi alvo de inquérito. Nesse momento você chegou a pensar em dar um passo atrás.

M.A. - Então, Bernardo, na verdade é isso. Quando eu fui intimado para ir no Deic... e na época tinha um coronel no II Batalhão, coronel Farolo. Acho que o Marinho se tornou coronel se não me engano, na minha época era tenente. Um cara super gente boa, eu vejo que foi um dos poucos caras que entenderam de fato a relação torcida organizada, o major Resende também. E o Farolo ele veio numa linha muito austera na época. Ele falava para a gente assim, entre paredes, vocês estão me dando tanto problema que fiquem espertos. E aquilo me gravou. Então eu não sabia o que poderia acontecer. Teve um caso que a gente não pode acusar ninguém, um dos integrantes da Independente, um dia, saiu do estádio do Canindé, quando ele foi entrar no carro dele tinha uma foto, um banner do Marighella. Por incrível que pareça, coincidências ou não, abordaram o carro dele, pegaram ele, revistaram o carro dele, acharam a foto do Mariguella, levaram ele para delegacia como terrorista. Aí você fala, coincidência, acaso, o que está acontecendo? Da mesma questão que foi uma foto, poderia ser um quilo de cocaína, poderia ser um quilo de maconha, poderia ser uma arma, e eu sabia exatamente quem era quem na Independente. Pessoa a pessoa eu conhecia, que hoje por circunstância do gigantismo se perdeu isso. A gente sabia nome, sabia quem era quem, quem realmente poderia confiar, quem não podia. Ali começou uma reflexão na minha cabeça. Quando eu fui convocado para dar um depoimento no Deic como assassino, aí começou a cair as fichas. Eu cheguei lá com álibi perfeito, porque na hora que mataram o menino eu estava dentro da sala de aula, e se eu não tivesse? Ali eu estava começando um reflexão, e um dia também eu estava saindo da minha casa, não tinha carro na época, eu fui pegar o ônibus, quando eu estou andando eu vejo uma viatura do II Batalhão rondando a área. Cara, nunca vi uma viatura do II Batalhão na região. Sabe aquilo que pode ser uma coincidência, mas ali eu falei, parei, parei.

B.H. - Não era só temor em relação a torcida adversária, começava a entrar também...

M.A. - Não, porque torcida adversária nunca tive temor. A gente tinha aquela relação do momento. É o que eu falo, nunca apanhei, mas já corri pra caramba. Tem muitas histórias que

you are adding to your life, but that relationship that was always on my side is a consequence. I was always a person who knew what I was doing. I never had cowardice, I never hit anyone on the ground, on the head, I never hit anyone on the head, you understood, it is the relationship of being a consequence at this point. And I started to realize... In my era the Independent became a giant, the people had to change place in the stands. It was tradition for the Independent to stay in the middle of the stadium, the people had to go to the side because it didn't fit anymore. Looking at the stands was a white sea. The people were looking and talking, damn, is it the same Independent? Then it became respected, it became credible as a fan base, by the whole of Brazil. The Leo, the people of Rio de Janeiro created a respect for me because they saw me on television in a street fight, with the people of Palmeiras, without fear. For me today it is very sad, but it was part of my life. But at the same time I did not become a coward, I did not go to the bad side, everything was a consequence, everything had an objective for me, that was the relationship of respect, to lead a group, to say "we will be respected", but at the same time in my era I did not have any tragedy, I did not have any cowardice, I did not have any assassination. This was on my side. The Independent never killed anyone when I was president. You are understanding, Bernardo? Then, it is history. Here I get sad because you see that at the same time that today has the gigantism in the stands, this generation lost the shine, lost the party in the stands because it can't do many things that they used to do. The flag today can't enter the stadium! Here you talk, man, I am going there just to yell? Then what I say, it became what is hooliganism, this is not Brazil. Brazil, in fact, football, the stands, the history when you look at a classic you see the top ring of Morumbi with thousands of flags, thousands, the fan in it lost this essence, "because the flagpole is a weapon". Then it is this that I get frustrated to imagine a potential today, with technology, with everything that could help in the spectacle of football, in virtue of the unique and exclusive violence, to lose, to lose, to lose this, to lose the essence. Will it be different the history of many clubs of football if in fact they had this support of fans? Because it is commercial. The people were talking that in the arenas today the cheapest ticket is R\$ 80, R\$ 150, R\$ 200 to enter the game. How can you pay a person who earns minimum wage or a young man who is unemployed to pay R\$ 150 for a ticket? Lost the essence, man, football. Here it causes a revolt. What is funny? This is also very clear for me. When the people asked to yell São Paulo, you had a mass of people, when you sang a song of

violência explodia, porque aquilo está embutido no cara, parece que é uma revolta dentro, é com a sociedade. Eram *poucos* policias que nos tratavam com respeito. “Espera aí, não estamos brigando, não estamos fazendo nada de errado, estamos aqui na boa, porque o senhor não chega com educação, porque o senhor não me cumprimenta, o senhor me vê todo domingo aqui. O que eu sou? Só porque estou com a camisa do São Paulo, sou torcedor, sou um bicho?” Isso acontece também e acontecia antigamente. E aí eu criava... Eu sempre fui muito correto nas minhas atitudes. Tinha cara que vinha com ignorância comigo, sabe o que eu falava? Eu não falo com você, só falo com seu comandante. Aí criava um ódio nos caras. O cara sabia que eu era líder, ele estava vindo mal educado, “eu não falo com o senhor, só falo com o seu comandante. Se eu estiver cometendo alguma arbitrariedade o senhor pode falar para mim.” Desde a minha época lá. Aí vinha o coronel, na época tenente Marinho, de fato uns líderes, “fala aí, Adamastor.” E eu tenho que contar essa história. Tem muitas coisas legais, mas também tem as coisas negativas. Por circunstâncias da vida eu tinha arma, mas só que eu tinha porte de arma, eu tinha um açougue, então por uma relação social eu andava armado, mas só que eu tinha porte, meu porte era nacional, eu podia estar com aquela arma. Eu deixava meu carro longe do estádio, a minha arma ficava dentro do carro, e eu não acompanhava a torcida quando eu estava com a arma. Um dia eu estou voltando, e eu bati junto com a escolta da PM, pararam para me dar uma blitz, o caramba, aí eu descí do carro, os caras investigaram “o senhor está com arma?”, eu falei “tô”, aí foram revistar, um PM entrou no meu carro, eu vi, o cara pegou minha arma e pôs na bota dele. E se eu não tivesse conhecimento, eu tinha perdido e eu não posso pré-julgar ninguém. Como na sociedade inteira, tem muitos bons taxistas, ruins taxistas, bom pedreiro, ruim pedreiro, tem bons policiais e ruins policiais. Eu fui no tenente Marinho, “seu Marinho, você pode fazer a gentileza, fala com o garoto ali, que ele pegou minha arma, está na bota dele”. Ele chamou o cara, “to sua arma, Adamastor”. Então, até com a polícia, com os líderes a gente tinha um respeito. O major Resende brincava com a gente, mas a gente era um suporte para ele. Foi até engraçado um dia. A gente era porra louca, a gente queria brigar, o caramba, aí jogou o São Paulo e o Corinthians, e estava naquele negócio crescendo, me lembro como se fosse hoje, a gente estava saindo do Morumbi, a gente saiu na saída ao contrário, a gente estava como visitante no Morumbi. A hora que a Independente está saindo do estádio, meu, veio uma linha de cavalaria, veio um pessoal com escudo, tinha uns cem policiais, mas uma tropa lá em baixo, aí veio o major Resende, “o senhor quer brincar, senhor Adamastor?” [risos] “O major, o que isso, a gente está aqui na paz.”. Mas era aquilo,

porque a gente não media força com eles. Tinha relação da briga de torcida, rivalidade da torcida. Era tipo assim, dava uma brecha, vamos dar porrada, mas tudo tinha um limite, e uma coisa que a gente nunca perdeu foi o respeito. Eu pelo menos nunca perdi o respeito pela polícia. Porque aquilo, a única coisa que eu ficava muito chateado é saber que do nível dos policiais que lidavam com a gente todo domingo, a gente era tratado como bicho. Tudo bem, tinham motivos? No momento negativo até tinham, mas se eu não estou fazendo nada porque me tratar como bicho? E isso foi criando uma cultura. Ia para o interior de São Paulo, a polícia totalmente despreparada, você já desde do ônibus s caras já iam metendo a borracha. Vila Belmiro, chegava na Vila Belmiro, na hora de ir embora vinha os caras com gás lacrimogênio, sem fazer nada, soltavam dentro do ônibus. Espera aí, será que só o torcedor é culpado? Tem o termômetro. Tem uma relação que é a opinião pública, o que se mostra na televisão, e tem o que de fato acontece; tem hoje as barbáries do que acontece, mas está aí o lado bom de tudo isso. Será que realmente só tem coisa negativa?

B.H. – Adamastor, você falou da festa. O que você lembra de ter criado, música, em termos desse aspecto da criatividade dentro da Independente, lemas, gritos?

M.A. - Uma coisa que é da minha época e até hoje é marcada na Independente, é o grito “Independente olé”, esse grito na verdade, como a gente tinha um pessoal na bateria, as pessoas não sabem o que é a história da própria torcida. A gente estava em Mogi Mirim, aí eu entrei no campo para por a faixa, e o pessoal da bateria tocando, tal, e a gente ficava fazendo as paradinhas da bateria, o caramba, e aí, numa daquelas paradinhas, tinha um cara da bateria que chama Sergio Louco, não precisa nem falar como ele era. [risos] E numa dessas paradinhas, ele fez o breque da bateria, quando parou, ele gritou “Independente olé”, todo mundo olhou para ele, “opa, deu jogo isso aí”, e aí começou a fazer. E até hoje é um marco da Independente, o grito “Independente olé”. O que acontece? Essa nova geração muda muito de músicas, mas ainda existem algumas músicas que até hoje tem. O que a gente vê é que tem uma ou duas que eu sei que eu criei. Aí você fala, cara, o que é história? Mas não tem a relação de você assinar o crédito, tudo. Mas eu vou no estádio, vira e mexe, como é muito rápido essa tendência de grito de guerra, porque hoje tem muita tendência com gritos associado a música, gritos associado a Europa, que os caras ouvem e gera uma tendência e vem trazendo isso. Mas antigamente, não, era composição própria. E algumas poucas dessas músicas ainda tem até hoje. Eu sei que uma delas, eu que criei. Tem uma que é “Lê lê ô... torcida Independente...” eu estava tomando banho, eu fiz essa música, e até hoje canta no estádio. Depois de muitos anos

eu fui no estádio, cantaram essa música. Aí você fala, é engraçado, você fala, eu fiz parte da história, deixei um legado. E acho que a maior prova disso é eu voltar para a torcida e ter esse respeito. Que infelizmente eu vejo que muitos caras da minha época, não tem o mesmo respeito. Aí você fala, cara, da onde vem isso? E é natural. Então, vamos tirar o lado positivo disso. A minha parte profissional eu tirei de uma arquibancada, a minha personalidade eu tirei de uma arquibancada, meu sucesso no samba eu tirei de uma arquibancada, o meu posicionamento hoje como homem eu tirei de uma arquibancada, a minha defesa eu tirei também de uma arquibancada. E aí, há anos atrás quando eu era moleque, a minha família, os meus amigos “pô, você andava no meio daqueles caras, você vai virar bandido, vai virar um drogado”. Hoje, nunca eu experimentei nada de droga, nunca roubei nada, sou um profissional bem sucedido, sou um pai de família bem sucedido, e aí, qual o lado negativo de tudo isso? É um mar de escolhas. As pessoas que se deram mal é porque escolheram o caminho errado. Agora, ele podia escolher o caminho errado no bairro dele, na escola dele, na balada dele, é o futebol? Como eu falo com o samba. Hoje eu entro pela porta da frente das maiores empresas do país como sambista, e quando eu falava para alguém que eu ia ser profissional, “ah, você está maluco”. Eu terminei um noivado porque a família dela falava que eu era vagabundo. Vagabundo? Olha aí. Se eu não tenho persistência, se eu não tenho perseverança, se eu não lutasse, se de fato eu achasse que não aprendesse nada, hoje eu ganho mais do que meu ex-sogro que falava que eu era vagabundo, minha ex-sogra, e aí? Eu sou vagabundo? Você entendeu, esses aprendizados? Para mim o que de fato ficou foi esse tipo de aprendizado. Porque é legal você comentar até numa roda, final de ano às vezes o pessoal da velha guarda se junta para fazer um churrasco. Cara, hoje tem uma escola de samba a Independente. Eu vou nos ensaios...

B.H. - O Batata?

M.A. - O Batata é o presidente. Eu vou nos ensaios, vem os caras conversar comigo que você parece um mártir para os caras. “Adamastor, eu entrei na sua época e tal...” Cara, não dá para você jogar isso no lixo, porque você se tornou uma referência. E a minha chateação é ver que muitos caras tiveram toda essa oportunidade e jogaram no lixo. Vê aí de que forma o Germano foi morto. O Germano era uma criança. Só que era um cara que vivia aquilo, ia lá bater em um aqui, um ali. Opa, é a lei da atração, aqui se faz, aqui se paga. Mas onde gera isso? O meu maior exemplo é dos caras de Minas Gerais. Da minha época ninguém brigava, não tinha... Os caras tudo preso, virou tudo assassino. E aí, qual a explicação? Quando o cara vai para casa é

outro mundo, é outra pessoa, o cara é pai de família, tem filho, tem esposa, é o mesmo cara, como se explica isso? Eu brincava, sabe o que, Bernardo? Eu sempre usava boné, quando eu virava o boné para trás eu me tornava outro homem. Era a minha chave. Quando eu ia para a briga, ia fazer alguma coisa eu virava o boné para trás. Você falava, isso deve ter alguma explicação. Todo esse processo de vida... eu sou totalmente consciente que agia com muitas personalidades, muitas personalidades. Já fiz muita besteira em torcida organizada, mas ao mesmo tempo é você ter ainda a oportunidade de refletir, opa, dá um tempo Adamastor, não faz mais isso. Não adianta você ficar aqui no mundo lúdico, porque a realidade não é essa, na minha época também não era essa.

B.H. - Você mencionou Germano que foi um torcedor do Flamengo, assassinado em 2006, conta para gente como foi esse processo que você foi um dos protagonistas de articular essa aliança com a Torcida Jovem do Flamengo no final dos anos 80, em off você mencionava que foi numa partida da Copa América...

M.A. - Não, foi eliminatória.

B.H. - Eliminatória da Copa América. Conta um pouco esse...

M.A. - Na verdade assim, naquele momento na torcida organizada, acho que eu já tinha me tornado presidente, mas eu estava lutando muito na Independente associado a palavra de ter credibilidade, ter respeito. E a Independente não era respeitada. Eu fazia de tudo para ter esse respeito. E o que acontece? Numa dessas tentativas, a gente saindo da Federação Paulista, a gente teve uma briga, passou na televisão, eu corri dos caras, fiquei na farmácia e aquilo passou a nível nacional. Isso foi marcando os caras de outros lugares. Até que um dia no Brasil e Chile, da eliminatória da Copa do Mundo, eu peguei a bandeira da Independente e fui para o Maracanã. E quando eu cheguei no Maracanã, para surpresa minha, eu não ia ficar dentro da torcida do Vasco, nem do Botafogo, eu fui para a torcida do Flamengo, tipo, vamos ver o que rola? Quando eu cheguei lá, à paisano, na hora, “Adamastor, o que você está fazendo aqui?”, “vim ver o jogo...”, na cara dura e com coragem, porque os caras podiam chegar e sentar o couro lá. Foi ao contrário, os caras já me conheciam e já tinham... “o cara está brigando com a Mancha, está brigando com o Santos, os caras estão na mesma linha que a gente”, e aí já me levaram para os líderes, Ricardinho, o Léo, cara, e foi uma cosia muito natural. Porque eles iam para São Paulo e tinham aliança com a Gaviões, e obviamente a gente tinha rivalidade com a Gaviões. Então me diga com quem andas que eu te digo quem és. Ea gente quebrou qualquer paradigma. Que quando eu cheguei lá, é aquela relação que eu falo, tem gente boa em todo

lugar, e teve a identificação. Os caras “põe sua bandeira aí”, fui lá, estendi a bandeira da Independente, vimos o jogo, foi aquele jogo da fogueteira, que o jogo não terminou, o caramba...

A.T. - Você estava perto do...?

M.A. - Não, eu estava no gol contrário. Dali, depois do jogo “vamos tomar um chope”, saí, fui tomar chope. Aquele chope durou a madrugada inteira, dos caras contando história, eu contando história e vai, vai, vai, o laço estava formado. Surgiu uma grande amizade, surgiu o respeito. Isso foi fortalecendo as lideranças. O que deu para perceber que eu ouvia dos caras “porra, essa genuidade do Adamastor, não tem lá na outra”, e foi naturalmente. Tanto que a minha identificação foi com a Jovem do Flamengo, não tanto com a Raça. Com a Raça Rubro Negra eu conhecia os líderes, até me tornei amigo do Bocão, que na época ele era diretor, mas a gente não tinha tanta identificação com os caras da Raça. Conheci na arquibancada do Maracanã o Betes, que se tornou um irmão meu, conheci toda galera da Jovem e foi criando esse elo. Isso foi gratificante para mim, de você falar, caramba, foi um momento histórico na torcida, que ninguém imaginava, a torcida do Flamengo era inatingível, o Gaviões era inatingível, aí vai lá um gordinho, o caramba, entra lá nos caras, “opa, vem aí a porta está aberta”. Você fala “caramba, aonde eu estou chegando?” Então nesse sentido eu não tinha noção do que eu estava fazendo. Para você ter uma ideia o Ferrão era presidente na época, a gente direcionou a ter uma eleição, porque eu não concordava, porque eu sentia que a Independente era uma torcida de sede, e eu falava “cara torcida é arquibancada, não é sede”. E eu era contra a administração na época, eu e o Bitão, o cara que me fez entrar na Independente, a gente ficava na arquibancada puxando grito de guerra, o que criou uma liderança normal, nata. Na hora das brigas era a gente que estava na frente, foi surgindo. Não deu outra, eleição, vamos para o voto, sócio em dia podia votar, quando veio a eleição a gente deu um banho nos caras: Adamastor presidente.

B.H. - Que ano isso?

M.A. - Foi 87, 88.

B.H. - Então quando houve aliança com a... você já era presidente?

M.A. - Já era presidente. Então, Bernardo, isso veio... sabe aquela relação de sonho com, obviamente, dia a dia, “cara, eu entrei na torcida, hoje eu sou presidente da torcida!” E aquela relação do homem, sou líder. Imagina você ser líder de uma instituição aonde ninguém respeitava, onde só tinha moleque, e a relação social até hoje é evidente. Porque se você for

numa arquibancada, dependendo dos clubes, você vê na cara das pessoas que o nível social é diferente. É impossível falar que a torcida do São Paulo até hoje é igual a do Corinthians, tudo é uma relação social. Por mais que tenha hoje classe baixa, existe de tudo na arquibancada do São Paulo, ainda é diferente, naquela época era mais ainda. Eu olhava para o lado... quando eu falo de questão social, 99% dos caras eram branquinho, burguesinho e tal, não tinha aqueles negão, não tinha nego forte, não tinha nada, a torcida era diferente. Aí você fala, como eu vou buscar, pegar isso e vou legar o respeito? E a gente conseguiu. Aos trancos e barrancos conseguiu, e eu me lembro como se fosse um marco, depois de um acontecimento teve uma briga com a Mancha, eu chamei os moleques na época, falei, olha, o meu objetivo foi cumprido, daqui para frente está na mão de vocês, não vão fazer besteira agora. Opa, segura agora com unhas e dentes, e aí foi.

B.H. - O ano de 95 é emblemático por causa da chamada batalha do Pacaembu. Você estava ainda a frente?

M.A. - Na verdade, eu casei em 95, foi justamente um pouco antes de casar foi onde eu já tinha tirado o pé; e aí que vem a reflexão, eu falo, e se eu tivesse no Pacaembu? Eu vejo ali o cenário, eu vejo a atitude dos caras, se eu tivesse lá, eu tinha tomado inúmeras decisões. Era tão engraçado essa relação da liderança, que na minha época a gente tinha comando até na hora de tacar pedra. Olha a viagem! Era liderança pura. E se perde hoje. Porque ali... hoje você briga de estádio é coisa generalizada, se perde o negócio. E na minha época a gente tinha muito disso, porque como você era fraco, você tinha que juntar, e era isso que a gente fazia, e aí que a gente ia pegando respeito. Era difícil, porque não tinha o forte, eu era gordo, não tinha cara bombadão, não tinha cultura de academia, não tinha cultura de luta, como...? Hoje os caras da Mancha fala para mim “Adamastor, você não fumava um, não cheirava? Você era maluco”, “não, não usava nada”, era instinto. E o legal é isso, e o premio para mim é esse legado de hoje eu ir na quadra da Mancha Verde ser respeitado, ir na quadra do Gaviões da Fiel ser respeitado, como sambista, só que a minha herança de torcedor eu carrego junto. Espera aí, se eu fosse um canalha, se eu não fosse respeitado, eu iria entrar ali, ser recebido pela porta da frente? O pessoal da Jovem eu conheço, o Cosmo a gente se respeita até hoje. Isso que eu falo, é uma questão e herança. Então por mais que a pessoa não goste de mim, mas espera aí, fala se eu cometi alguma canalhice com você, fala se eu fui injusto com você alguma vez, e olha que tem história para caramba por trás disso. Então o que eu vejo que se perdeu muito pelo gigantismo, os líderes, não por culpa deles, pelo tamanho, foi impossível manter a liderança, e aí eles pagam

o preço. Pagam o preço porque? Porque a polícia quer essa liderança. Mas como manter? Porque é uma relação social, espera aí, tem os caras lá da zona leste, “seu policial, seu comandante, eu sou presidente da torcida, o senhor quer que eu tome conta dos caras lá da zona leste e faço com que eles tenham um procedimento, como eu vou fazer isso? Se eles estão na zona leste, tem a Mancha, tem o Gaviões, tem não sei quem, e vão se encontrar para vir aqui. Então senhor policial, o senhor vai lá e resolve esse problema social. Vai lá, pega o ônibus, escolta, vem lá, porque eu como presidente...” e os presidentes pagam esse preço. Aí a gente tem um caso, você vê, teve o problema da Mancha com a torcida do Santos que foram para a estrada. O pessoal da Mancha foi para lá sem a ordem dos líderes, sem a ordem dos líderes. E o líder pode pagar o preço. “Espera aí, eu vou pagar o preço...” isso que é polêmico, como eu vou ser preso como líder, eu vou pagar o preço por um cara, só porque está com a camisa da minha instituição, vai lá, comete um ato arbitrário ou um crime, e eu que respondo. Porque é fácil para a opinião pública e para o policial, o culpado é ele.

B.H. - Houve uma modificação no estatuto do torcedor, sancionado em 2003 em 2010 introduziram essa pena de que o líder da torcida seria responsabilizado por todo e qualquer ato do seu associado...

M.A. - Hoje para mim, posso te falar? Hoje quem é líder de torcida estatutariamente é burro. Espera aí, como eu vou segurar uma bucha social? Olha aonde vai a paixão, pela paixão o cara é líder, e o cara ainda se sujeita a tomar... Não querendo defender, foram lá os caras da Independente e mataram um cada da Jovem. Os caras que mataram, supostamente da Independente nem sócios são da torcida. Mas a instituição tomou a culpa, os líderes tiveram risco de ser presos, o carnaval que não tem nada a ver quase foi penalizado por essa briga Santos e São Paulo, Independente Jovem, por uns caras que nem sócio eram. Então é isso que eu falo, aonde vai chegar isso? O que eu te falei Bernardo, quem conhece torcida organizada, de fato, é somente quem está lá dentro, quem sabe quem é quem é só quem está lá dentro. Desde a minha época existem os estudos, existem as reportagens, existe a infiltração, não sabe o que é, essa paixão, essa questão que está no sangue do cara que vai torcer, é isso. O que leva um cara tatuar as costas inteira com o nome da torcida organizada do nada? Entendeu? E aí vai levando isso. O que eu acho que na verdade deveria ser trabalhado... “Pô, Adamastor, mas o que você daria de sugestão?” Mesmo que traumático, você teria que juntar as lideranças, mesmo que traumático. “Espera aí, eu sou o cara?” “Rapaziada, eu sou o secretário da segurança pública, vocês vão vir aqui senão vou por vocês na cadeia. Vem aqui o líder da zona

leste com da zona leste, ah, você é o líder da zona leste da Independente, vem aqui da zona leste da Gaviões. Olha, vocês, vocês eu sei que são líder desses 20, 30 que está aí, senhores, se vocês foram lá se digladiar no metrô, são vocês que vão para a cadeia, viu?” Não é feito, eles vão lá no topo da pirâmide. Eu acho que seria uma saída, porque vai lá no foco, é aquele líder. Tudo bem que pode ter estratégias de inteligência, da polícia, da secretária, mas, cara, como que não vai ter solução? Fala assim, se você cometer alguma coisa você vai preso, põe lá na lei, põe alguma coisa. *Ele* vai preso, não é o líder que vai preso. Porque continua o comodismo, “eu vou matar aqui no metrô, eu vou dar paulada, eu vou dar tiro, mas é meu presidente que vai preso, não sou eu”. Mas põe essa regra. Porque o que é mais evidente, que eu vejo que essas leis que são colocando ou critérios, ferem só o líder lá da instituição, não o cara que de fato está fazendo. Espera aí, eu estou dirigindo um carro alugado, eu mato um cara, o cara que vai ser preso é o dono da agencia que me alugou o carro. Para mim é a mesma coisa. Então essa relação de interpretação, que eu vejo, quem é culpado é quem vai lá e faz, mas é isso. O que de fato é orquestrado pela liderança? Lá naquela briga no metrô, no ABC, que mataram não sei quem, estava lá o presidente da torcida? Estava. “Então, amigo, você estava lá, você vai responder pelos seus atos”. Que é o que aconteceu em muitos estados. Aconteceram os crimes e os caras estavam. “Opa, olha aqui a fotografia, olha aqui a sua carinha no vídeo”. Agora, se o líder não está lá... cara. E por aí vai, você entendeu? Então é muito polêmico isso.

B.H. - Você contou que no seu período foi o período de explosão da torcida, crescimento, gigantismo. Você já sentiu algum tipo de oposição interna justamente por esse crescimento, digamos, excessivo, teve que ramificar por bairros? No seu período isso já tinha?

M.A. - Eu vou te falar, no meu período já tinha as ramificações, mas totalmente controladas. Tinha a zona norte, por exemplo, que a gente sabia de onde os caras saiam, os líderes estavam totalmente alinhados ao nosso procedimento; não como hoje, hoje perdeu. Por mais que tenha um relacionamento, mas as ações dos caras se perderam. Na minha época, por mais que acontecesse a liderança era nata, não tinha isso.

B.H. - Você poderia me contar um pouco o processo, você já estava afastado da torcida, ficou conhecido como “A Retomada”. O que foi a retomada, dentro desse contexto do poder, do crescimento do poder, da fragmentação?

M.A. - Na verdade, o que eu vejo, eu já estava de fora da torcida, mas se eu fosse encontrar uma explicação, não existia de fato um líder na época, existia um grupo de pessoas, o líder não existia. E o que eu percebo, o pessoal da Retomada eles estavam melhores mobilizados. E por

mais que possam falar, ainda que tinha uma ideologia, porque era o pessoal da zona leste, Sapopemba, o Batata, os caras que já eram da minha época. Mas ao mesmo tempo, os caras que estavam na época, não tinham de fato essa mobilização, essa parede com relação à liderança. E os caras em cima de uma ideologia, seja ela qual for, mas tinham um propósito os caras. Opa, vieram e pegaram na força, na força que eu digo é, espera aí, vocês não vão mudar, a gente vai mudar.

B.H. - Foi uma determinada zona que veio o pessoal e...?

M.A. - Na verdade, eu falo um grupo, não uma zona. E se eu me aprofundar nisso, Bernardo, eu não quero cometer injustiça porque eu não estava. Então, eu vejo que a cada momento, cada um... Porque o que acontece? Eu não posso recriminar nada, porque tem aquela questão que também é do indivíduo, é o livre arbítrio. Se eu não concordo com alguma coisa, o que eu faço? Me afasto. Amigo, se a Retomada entrou, você não concorda, acabou. Não adianta você ficar lá e ficar apontando o dedo, apontando o dedo, isso, aquilo, porque eles, querendo ou não querendo, seguiram uma geração, a Independente não se diferencio, eles fizeram algo que todo mundo estava fazendo, que a geração hoje da individualidade, o líder e tal, é o que fizeram, como eu posso recriminar isso? Que é a tendência de hoje, não fugiram a qualquer regra. E obviamente, os prejudicados se sentiram, “opa, a gente não teve oportunidade”. Eu, para mim, se fosse eu, não seria dessa forma. Mas ao mesmo tempo eu tenho uma cabeça da década de 80, não a atual, e aí? Ao mesmo tempo, eu falava, beleza, os caras podem estar numa boa, isso, aquilo, mas e o lado ruim? Porque os caras da Retomada também já foram presos, já foram reprimidos, tem seus problemas, já foram perseguidos, já segurou a onda como líderes, não foi simplesmente eu estou lá e só vem o positivo. Eles também assumiram essa responsabilidade, opa, tem dos dois lados da moeda. É o que eu falo, na minha época, eu ia, chegava em casa, dormia tranquilo, não tinha cobrança nenhuma. A relação atual é muito diferente. Até na época eu sofri um pouco, porque teve uma época que eu não sentava de costas em qualquer lugar que eu fosse, tamanha era a defesa, não sentava de costas para a porta. “Cara, você está traumatizado, espera aí, você não pode andar na rua, aonde você for...” Eu falo que se eu fosse me candidatar a ser vereador, eu ia... porque hoje é o pessoal do samba, do carnaval, da minha região, todo lugar que eu vou, eu conheço uma pessoa. Domingo eu fui no parque com meus filhos, do lado, “você é o Adamastor...?” Então é demais isso. Eu estava na Disney lá da Downtown, minha esposa falou assim, puta, até que enfim, você está num lugar que ninguém te conhece. Sem sacanagem deu 15 minutos, não foi um cara que me reconheceu, foi um grupo

“e aí, Adamastor...!” virei para ela e falei, você errou. Então isso é um lado bom para mim. Se a gente for ficar contando coisa ruim, a gente vai ficar o dia inteiro e vai faltar hora, e também se a gente for ficar contando coisa boa também vai ficar o dia inteiro e vai faltar hora. Vai da aonde você pegar a linha mestre você saber, o que eu quero saber de torcida organizada? E para mim sobram coisas boas. Imagina você hoje, você andar em qualquer lugar e você ser reconhecido como o Adamastor. Quem é o Adamastor? Não sei, mas é o Adamastor. Do que mesmo o cara adversário te olhar com repúdio. Você sente isso. Você entendeu a construção de uma imagem, a construção de uma personalidade, de uma liderança, você fala, opa, eu contribuí. E eu contribuí com essa ideologia. Eu entrei na época do Ferrão, se eu encontrar o Ferrão vai ter o respeito, vai ter a saudade. Se você encontrar alguém da minha época, encontro, como encontro da escola de samba, como eu vou na Retomada e sou respeitado por todo mundo da Retomada. Espera aí? É de graça isso, cara? Você entendeu, onde eu quero chegar? Então, foi uma coisa natural, e isso que eu tenho que guardar e levar. Concordo com tudo? É lógico que não, mas eu não posso falar que torcida organizada é um bando de bandido. Será? É o que a gente falou, o lado bom e o lado ruim. É a mesma coisa, eu falo, se hoje eu fosse um presidente de escola de samba, eu acredito que eu seria um milionário, por tantas possibilidades que existem, mas pergunta se eu quero? Eu não quero, não é meu objetivo. Eu vejo se eu fosse um presidente de torcida organizada, eu seria um milionário, pergunta se eu quero? Não é meu objetivo. Agora, eu tenho que atacar pedra em quem é ou quem não é, lógico que não! São muitas histórias legais, muitas histórias legais, e tem história que marca até hoje. São coisas tão pequenas, mas... Tem o Peri que era um cara de família, começou frequentar a torcida organizada que queria estar em tudo, a gente foi para o Mineirão, estava na arquibancada, jogaram um bagaço de laranja na cara dele, até hoje aquela cena... “você não tomou nem pedrada, você tomou laranjada, tem que ser muito pastel para tomar uma laranjada...” E assim, são coisas tão pequenas e simples, que te marca. E você vai pegando isso... Às vezes eu estou no carro e vem essas lembranças. Então é impossível estar numa reportagem de uma hora, a gente estar batendo papo e eu ficar trazendo *cases*, criar uma cronologia, é impossível, cara. Pô, chegou uma época, que o pessoal da torcida chegou para mim, os mais antigos, “Adamastor, olha lá atrás, segura a onda, meu, você está brigando demais”, a ânsia de querer o respeito... mas só que naquela época, olha o que é o brigar. Já infringia a visão dos mais antigos da torcida que para a gente era o respeito, que não era *nada* em comparação ao que é hoje. E lá dizia “opa”. O São Paulo me chamou para uma reunião, uma vez o diretor, eu dei risada na cara do

diretor, o cara veio falar para mim, pedir para não falar palavrão na arquibancada. Eu, cara, você me chamou aqui no Morumbi para falar isso, meu, você está de sacanagem comigo. Então as vezes você vê que o nível social, o que eu falei, o nível social do São Paulo era diferenciado, e por aí você vem trazendo isso. Cara, olha que ponto você conquistou. Porque vem as conquistas de um time, vem o respeito de uma torcida, e mesmo assim, o degrau a degrau é a cada momento. E ao mesmo tempo que você toma uma atitude arbitrária e isolada, você pega tudo e joga no lixo. Porque quando acontece isso, cara, eu fico em casa vendo a opinião pública. Você fala, você é considerado bandido, você é considerado drogado, você é considerado assassino, aí eu falo, eu fui de torcida organizada, será que eu fui tudo isso? Então, é isso que as vezes eu comparo, que o poderio de fogo da opinião pública é muito mais forte por uma torcida organizada porque é mais fácil. Mas espera aí, você passa no centro da cidade, tem aquela cracolândia que o governo não consegue tirar, e por uma questão social eles roubam, eles matam, eles usam droga, eles são os culpados? Ninguém é culpado ali. É a mesma coisa que eu vejo com a torcida organizada, às vezes acontece a merda, o cara não é o culpado, aquilo leva ele. Quantos caras eu não vi entrar numa torcida organizada, mas um garoto, se tornar um drogado, se tornar um bandido. Espera aí, foi a torcida que fez isso? Não foi a torcida, foi o convívio, foi a arquibancada. Espera aí, eu tive o mesmo convívio que você, porque eu não usei e você usou? A torcida que é culpada? Não é, cara. É a falta de educação, é um monte de coisa. Eu não estou aqui para explicar nada, agora, tudo é aprendizado. É muito complicado você pegar todas essas histórias, por numa caixa, fazer a comparação. Mulher, mulher em torcida organizada na minha época era relíquia, não tinha mulher. Hoje você vê um monte de meninas nas torcidas organizadas, a mulherada é tatuada, tendência. Só que antigamente... Um exemplo, a TUP, quando eu comecei a TUP era um mar verde na arquibancada. A Império Alviverde os caras tinham a maior faixa de São Paulo, isso é história de torcida organizada. A Gaviões foi lá no Parque Antártica roubou a faixa dos caras, tudo é história. Isso era o glamour da torcida organizada. Mas a gente não ficava ouvindo que os caras foram lá e mataram, não tinha isso, era outro universo. Aí surgiu a Mancha, gigante, a TUP se apagou, a gente conviveu com isso, Gaviões sempre foi Gaviões.

B.H. - Isso é geracional mesmo, muda valores, muda o cenário...

M.A. - É isso, Bernardo. E o que eu vejo que é uma pena é você de fato culpar algo que poderia ter outro tipo de explicações. Poderia ter um caminho diferenciado, de fato, onde é o fio da

meada, onde é a relação condutora de tudo de ruim que acontece hoje? É mais ou menos isso que eu vejo.

[FINAL DO ARQUIVO II]

B.G. - Queria saber se na sua época quando você era presidente já tinha alguma tentativa da polícia de conversar com lideranças?

M.A. - Desde a minha época sempre teve essa tentativa. Começou com o major Resende, ele sempre chamava os líderes, e na verdade, a polícia lidava com a gente... sabe aquela coisa de moleque levado? Porque eu tinha certeza que também a polícia nos via numa diferença muito diferente do bandido. Porque, cara, a gente era moleque, e eu sabia que naquela época os líderes do batalhão eles tinham isso muito claro. Então eles já nos tratavam dessa forma, mas ao mesmo tempo era aquele puxão de orelha, “você segue o que estou te falando senão vou te dar um tapa na bunda”. Essa relação também de respeito, porque eles sabiam que ao mesmo tempo, naquela época nós éramos líderes, de fato, e tinha como respeitar uma ordem. Então essa era a troca. “Opa, Adamastor, vamos nessa linha?” E o legal, por mais direcionamento que tinha, tinha uma democracia porque nós expúnhamos nossos problemas. E ele ao mesmo tempo deixava “o batalhão está aberto para vocês virem aqui e apontar o policial que cometeu alguma injustiça com vocês”. Teve problema com o pessoal do Palmeiras, vários problemas. Então você via que era uma democracia, era um bate-papo legal. Hoje, eu vejo, como eu não participo, mas dá para ver que poderia aproximar muito mais. Você vê que a clareza era tanta, uma história, uma vez estava voltando, a gente tinha um ônibus que vinha muito para a zona norte, que a zona norte era muito forte, e eu vim num desses ônibus uma vez. Cara, a gente passou na frente da Rota, eu não sei quem teve a felicidade, soltou um rojão na porta da Rota, não demorou dois minutos, tinha umas 20 viaturas atrás da gente. Os caras entraram, mas era só tapa na cara. “Meus amigos, a gente está atrás de bandido, e vocês vem encher o saco da gente”, então na verdade, aquilo que trazia... que na época a gente de fato era tratado com um diferencial, hoje não mais. Hoje alguns integrantes de torcida são vistos como bandido. Então eu vejo que essa é a grande diferença. Tanto perante a instituição clube, perante a família, perante a polícia, perante a sociedade, porque de fato, muitos se tornaram bandidos dentro da instituição. Então você fala, é muito diferente, e como controlar isso? Por isso que eu falo que a pena de tudo isso é saber,

o espetáculo poderia ser muito maior, o controle poderia ser muito diferente, mas de fato eu sempre vi uma má vontade do governo para resolver essas situações.

B.H. - Houve alguma situação em que a polícia deixou a coisa rolar para o pessoal brigar, quando gerar o fato e a mídia aparecer e recriminar?

M.A. - Bernardo, que eu tenha de fato a prova, não, mas ao mesmo tempo teve uma época que nós sabíamos que tinha polícia militar envolvida dentro da torcida organizada. Então ao mesmo tempo que nós sabíamos que nós tínhamos o poder da liderança, “opa, não vamos cometer a burrice de morder a isca”. Então era isso. Hoje, eu tenho muita consciência. Eu sabia exatamente o poder que nós tínhamos na mão como torcida organizada. Alguns momentos mais fracos do que outros. Sabe o que eu fazia como líder? Eu pegava o ônibus, opa, a briga está aqui na direita, eu vou pra esquerda. Eu sempre fui bom de estratégia. É melhor você ir para a briga e apanhar só para dizer que sou o fodão? Espera aí, deixa eu ser taxado como bunda mole; mas eu não posso, se eu não encontrei, eu não perdi a briga, você só não me encontrou. Era a visão que eu tinha. Então, eu fazia, na verdade, com essa fraqueza que tinha na época a Independente, essa relação. “Opa, se não teve o confronto, você não pode falar que eu apanhei.” Você sair fora e não ir para o confronto isso não é vergonha para ninguém. O que fazia? Eu fazia trajetos com os ônibus totalmente improváveis. E também muita gente não sabe disso, numa das épocas que a Independente era das mais fracas da torcida, eu fui kamikaze, porque a gente jogou no Parque Antártica, a Mancha e a TUP com um puta poder, fui na casa dos caras... e eu sabia que os caras iam no centro da cidade para ter o confronto. Eu fui na sede dos caras, qual o lugar menos provável? Tipo assim, eu vou no QG, os caras nunca imaginavam que eu ia no QG dos caras. E foi tão improvável que eu fui com os ônibus no QG dos caras e não tinha ninguém, porque se tivesse, sabe aquela coisa, como fala, Pearl Harbor, foi o Pearl Harbor. [risos]. E aí você começa entender, cara, é muita história que para a gente de torcida organizada é legal, e se dá certo? Você fala, e se dá certo? Se tivesse a sede dos caras... ia estar lá no centro da cidade, nem celular tinha na época. Os caras estavam aqui e a gente estava lá atrás dos caras. Isso que ia fortalecendo, opa, o cara não é burro. E foi construindo essa relação de respeito. A história que eu acho que não posso deixar de contar, todo mundo espera essas histórias de briga, o caramba, nessas idas e vindas de torcida, que a Independente não tinha credibilidade, a gente teve um jogo para o Rio de Janeiro, a gente ia jogar com o Botafogo e acho que o Palmeiras ia jogar com o Vasco, resumindo, a gente sabia que a Mancha ia estar na estrada e a gente ia estar na estrada. Cara, a gente foi de fato preparado, mas não querendo acreditar que poderia ter o

confronto. A petulância dos caras era tão grande com a gente, que num momento da estrada a gente foi passar, eles estavam num posto de gasolina do outro lado, tipo, eu não esqueço a cena, os caras tudo de braço cruzado, tipo assim, “e aí, seus trouxas?” Cara, me deu um frio, estava eu e mais quatro ônibus, eu falei para o motorista, para. Parou. A hora que parou os ônibus, os caras já tinham atravessado... parou a Dutra, essa briga foi épica, os caras atravessaram a pista e veio pra cima... Porque os caras tinham muita certeza do que estavam fazendo, porque, “os bunda mole da Independente...”, por relação, não sei do medo, da vontade de pegar os caras, a gente fez os caras correrem. Deu força para os caras... para ter uma ideia, os ônibus dos caras na hora de querer fugir os ônibus bateram, porque eles não estavam acreditando... eu era gordo não conseguia correr, acho que a minha maior frustração foi não ter conseguido atravessar a estrada. E aí foi ali que foi o marco do respeito, falou, “opa, agora o buraco é mais embaixo, Mancha, você está vendo? Segura a onda”. Então ali, como briga de torcida organizada, independente da forma que foi ou não, a gente parou, enfrentou e melhor, tomou a melhor. Para a torcida, aquele marco da estrada foi a virada. Para quem é de torcida organizada, sabe disso. Muitas outras histórias tiveram, a gente tomou...

B.H. - Anos 80 ou já anos 90?

M.A. - Anos 90. E ali ficou tipo “opa, o gato subiu no telhado”.

A.T. - Você acha que você teve muita sorte em situações como essa ou não? Você conseguia observar e perceber.

M.A. - Na verdade, não é nem sorte, eu era um cara abençoado por Deus. Porque você veja, com tantos anos de torcida organizada, eu não tenho uma cicatriz, eu nunca tomei uma pedrada, tomei um murro. E tem muitas histórias que vai somando, por exemplo, uma vez a gente chegou na porta do São Januário, quando eu estava na catraca, eu vi um “alien” passando aqui do meu lado, uma pedra gigantesca, só vi o vulto da pedra. Se é dois cm para dentro tinha pegado no meu olho. Uma vez eu estava sentado em Copacabana um rojão bateu no meu olho, e caiu no chão e explodiu. Teve situações na Paulista que até hoje... hoje eu já contei para os caras, mas teve situações que três ônibus dos caras, eu sozinho na Paulista, os caras correram atrás de mim, eu gordo, os caras não conseguiram me pegar. Porque eu fui inteligente, eu não fui querer ser atleta. Eu virei a rua, vi uma oportunidade, me escondi, os caras, cadê o cara? Sumiu, uma mágica. Então na verdade eu associo tudo, eu sou muito espiritualista, proteção, inteligência, estratégia, tudo isso juntou na minha vida ao qual eu dei muita sorte. Tudo de ruim eu vim acumulando como experiência, tudo de ruim, opa. E nos momentos certos é onde eu dava o

bote. Eu nunca dava bote errado. Se eu vou é para ganhar, eu não posso dar bote errado. Na época, quando eu entrei na torcida, a gente tinha muita desvantagem perante a torcida do Palmeiras, tinha a famosa briga do Anhangabaú. Saia do Morumbi, as torcidas iam se encontrar no Vale do Anhangabaú que lá era onde o pau comia. A TUP era gigantesca, quando eu entrei na torcida, a TUP estava lá em 300 caras e a Independente descia com 50. Eu lembro como se fosse hoje, quando a gente desceu, com 50 caras, meio inseguro, chega no Vale do Anhangabaú vem aquele mar verde da TUP para vir para cima de mim, a gente tinha um rojão de três tiros, um rojão, soltamos um rojão porque não tinha cultura da bomba, soltamos o rojão, aí vimos aquela cena daquele mar verde correndo, aí, puta que coisa maravilhosa [risos], porque correr... quando a gente corre... mas, cara, não tem cena mais bonita pra um cara que é de torcida organizada, você ver a reação do seu adversário correr. Isso é embutido no torcedor organizado, não vou ser hipócrita de falar “não, sou Jesus Cristo, era...” Mas era o seguinte, o que eu falei, de ter a certeza que nós voltávamos para casa, não tinha in consequência. Tipo, como naquele dia, ficou um ou outro, o cara caiu no chão... olha só a viagem, sabe qual era o nosso prêmio? Quando o cara caía no chão ou coisa parecida, sabe qual era a primeira reação de qualquer pessoa? Tomar a camisa. O prêmio da briga era tomar a camisa do cara da torcida organizada, o troféu. Hoje, tomar a camisa... os caras querem matar o cara, não tem isso mais. O prêmio é quando a gente chegava na sede e tinha uma camisa. E eu era assim, tira a camisa, nem bater no cara eu batia. Isso é história de torcida organizada. É o lado ruim? É o lado ruim, mas olha comparando com os dias de hoje. Era infinitamente menos violento, menos agressivo, e ao mesmo tempo... como eu era da zona norte a gente voltava no metrô com 60, 70 caras no metrô. Quando se deparava com um cara de povão de outro time, o caramba, mas nunca que eu deixava os caras agredirem alguém, nunca. Não tinha isso comigo, não fazia parte de mim. Como eu encontrava muitos caras de torcida organizada, que ao mesmo tempo em vez de bater eu falava “dá a camisa”. Você entendeu a diferença? Hoje eu vejo as cenas na televisão, você está de brincadeira, chega a ser animalesco. Então, o que eu falo, essa é a pena, perdeu o brilho.

B.H. - Você se afastou ou parou no momento que você deixou a presidência? Como foi seu afastamento da torcida e o início dessa nova etapa, que também foi concomitante, mas no universo da escola de samba, e hoje a sua atuação profissional a frente da cena carnavalesca, pode contar um pouco?

M.A. - Quando eu deixei de ser presidente, eu até acompanhava um pouco, não tão atuante da forma que eu sempre fui, e, paralelo a isso eu comecei a namorar, fiquei noivo e me casei em

95. E foi engraçado que foi uma mudança muito grande na minha vida, porque eu era de torcida organizada, fiquei noivo, me casei, e como eu também tocava em bateria de escola de samba, em 95 eu também me tornei mestre de bateria de escola de samba. Porque eu era do Camisa Verde e Branco, eu casei, fui morar perto da X9, e ao mesmo tempo a X9 estava subindo para o grupo especial, foi um ano que ela desfilou, eu morava pertinho. O que que casou tudo? O pessoal falou, “pô, o Adamastor está morando aqui perto, é um bom ritmista, era do Camisa Verde e Branco”, algumas pessoas da X9 já me conheciam, e aí o presidente me fez o convite. “Você está morando aqui perto, o pessoal fala bem de você o caramba, você não quer ser mestre da bateria”? Olha que engraçado, um privilégio no samba é único, a escola no grupo especial, subiu para o grupo especial naquele ano, primeiro ano de grupo especial, eu nunca tinha sido mestre de bateria, não era da bateria e tive o convite para ser mestre. Quer dizer, um privilégio que você fala, cara, tem pessoas de comunidade de escola de samba que sonham a vida inteira em se tornar mestre e não tem essa oportunidade. E do nada caiu no meu colo. No primeiro ano, eu já exerci na bateria da X9 algo que eu já tinha aprendido em arquibancada, que é a disciplina, fui trabalhando. Uma bateria normal, uma média normal naquela época era em torno de 250, 300 ritmistas, eu desfilei o primeiro ano na X9 com 170 ritmistas e tive nota máxima, ali me fortaleceu. Agora já era. Fui fazendo o trabalho. Em 95 eu comecei na X9, em 97, dois anos apenas depois, a escola foi campeã no carnaval. Aí começou de fato minha trajetória consolidada no carnaval. Em 97 a X9 foi campeã, três anos depois, em 2000, campeã novamente.

B.H. - Em 95 quando você casou você tinha 28 anos, você trabalhava em que nesse momento?

M.A. - Eu trabalhava numa corretora de valores. Engraçado, essa corretora de valores eu trabalhava com dinheiro, com tudo. Quem me indicou para trabalhar nessa corretora de valores? Uma pessoa que eu conheci na arquibancada do estádio de futebol que foi o Betes da Torcida Jovem do Flamengo. Então, é isso que a gente traz para as nossas vidas, de falar, nem tudo é negativo; nessa relação de conquista, eu falo, naquele momento da minha vida, eu estava precisando de uma ajuda, e o cara pôs a mão no fogo perante um conhecido que ele tinha no banco, de falar, nesse cara eu confio. E olha só, ele confiou num cara que ele conheceu na arquibancada para um cara que ia mexer com dinheiro e ele falou, “pode por o Adamastor que eu confio nele”, e profissionalmente criou essa trajetória minha profissional. E profissionalmente eu trabalhava em corretora de valores e paralelamente eu era mestre de bateria. Sempre toquei, mas quando eu tocava em escola de samba eu era office boy,

escriturário, cargos de nível baixo em empresas. E nessa corretora, eu comecei crescer, até que eu fui muito bem sucedido nessa corretora, eu me tornei um líder, me tornei gerente, e paralelo a isso eu trabalhava na escola de samba como mestre, me casei, e por uma oportunidade... como foi outra mudança na minha vida? Uma das diretoras da minha esposa, sabendo que eu era de escola de samba, falou para ela “seu marido trabalha em escola de samba, será que ele não fazia um trabalho para mim? Eu fui lá na Alemanha e vi um trabalho de percussão que o pessoal aprendia e tocava junto, tal, eu vou falar com ele”. Aí minha esposa veio, eu sou casado pela segunda vez, a minha primeira esposa falou assim, minha diretora falou isso, isso, se você toparia? Eu falei, lógico. Eu fui lá, Laboratório Lilly, minha primeira dinâmica, fui lá, fiz o trabalho, foi um sucesso. E dali começou o que? Marketing espontâneo, me chamou para segunda, me chamou para a terceira e eu trabalhava na corretora ainda, e começou esses pedidos esporádicos. Uma vez a cada dois meses, a cada três meses. No primeiro ano foi assim, uma cada dois, três meses, no segundo ano, as pessoas trocavam de empresa, começou a me chamar, quando eu me vi fazendo inúmeras atividades. Aí eu falei, acho que deu samba isso aí. E por coincidência, o banco ele mudou de praça, tudo, eu saí da corretora do banco, me vi desempregado e fazendo esse tipo de trabalho. Aí eu falei, opa, é a oportunidade de eu me dedicar. Comecei focar nesse tipo de trabalho, me capacitei, fui atrás de conhecimento e a coisa naturalmente... eu trabalhei oito anos só com marketing espontâneo, de indicação. Aí quando eu me casei pela segunda vez, a minha esposa que até hoje é a mesma esposa, ela engravidou, e quando ela engravidou eu morava num apartamento pequeno, eu falei, caramba, preciso dar um passo profissional. Eu tinha uma casa da família, eu falei, vou montar um escritório lá, comprei uma mesa, um computador e contratei uma menina ali da rua, “fica aqui para atender telefone”. Fui lá, contratei muito precariamente um site, montei um site e ali comecei a trabalhar, muito precariamente. E naquela época eu fazia uma dinâmica por mês, quando fazia, e aí eu pus uma meta “a minha meta é fazer uma dinâmica por semana”. Passado oito meses eu já fazia mais de duas por semana. E com essa relação de conquista, as vezes eu tenho períodos que eu tenho mais de 60, 70 eventos na agenda. Então, cara, eu acho que essa questão, eu sou um iluminado, de falar por tudo que eu passei na vida, vim de uma origem humilde, fui para uma escola de samba, fui para a torcida organizada, tudo que poderia dar errado na sua vida, foi como se fosse uma semente. Eu, na verdade, eu não revelo em muitos lugares que eu passo essa minha origem, porque as vezes eu me emociono, o caramba. Mas o que acontece? Hoje você ter a certeza de que tudo que poderia dar errado se tornou um marco para mim. De falar,

eu tenho um legado com meus filhos muito forte que eu posso contribuir. Independente do que é torcida organizada, do que é o futebol hoje, eu consegui tirar algo muito importante daquela época. E até hoje eu tiro, porque das analogias que eu faço, da minha relação de superação, a energia que eu ponho na atividade, é muito forte. E é tão forte, por exemplo, o ano passado eu tive um enfarto, quase morri, tive um enfarto no dia do aniversário do meu filho. Para mim foi como se fosse nada porque não mudou nada na minha vida. O médico até me falou na época, “po, cara, muitas pessoas que teve o que você teve, ficam deprimidas o resto da vida”, para mim passei como um torpedo por esse problema, alguns meses atrás eu descobri um tumor no meu rim, tive que arrancar o rim. Para mim hoje também, sabe... Isso vem de onde? Eu sei da onde vem. [ficou emocionado, retoma com voz embargada] Então assim, o que eu falo que é uma pena, que às vezes, esse lado positivo dessa história e do que tem até hoje, a opinião pública, ou para quem não frequenta, não consegue extrair. Porque ao mesmo tempo que você tem totalmente evidente o lado ruim, o lado bom é jogado no lixo. Quantos Adamastor não passaram pela arquibancada? Por exemplo, o cara numa arquibancada me respeitava muito mais do que o próprio pai e a mãe. Eu tinha convicção disso. Porque eu falava, o que eu falava era lei. Isso foi totalmente natural, porque o líder você não impõem, você nasce. Não adianta você falar para o cara, vai lá e faz, se você não tiver identidade com o cara, o cara não vai te obedecer nunca. E aí eu olho para trás e falo, cara, era natural isso para mim. E por onde eu passo hoje, tudo é evidente para mim que eu sempre estou à frente. Então hoje eu sou bem sucedido, eu sou bem sucedido como pessoa, eu não sou rico, não sou milionário, mas eu sou bem sucedido como pessoa, eu sei que a minha história eu estou fazendo passo a passo. E ao mesmo tempo você olhar para trás sem arrependimento nenhum. Porque eu poderia olhar para trás e falar, puta, fiz aquela cagada na arquibancada, eu acho que aquilo marcou negativamente. Eu não tenho nada que me leve a um arrependimento, nada. Se você me perguntar “Adamastor, qual foi a injustiça que você cometeu na arquibancada?”, eu não consigo lembrar, de falar “não, eu acho que eu fiz isso e o cara não mereceu...” tanto da minha equipe quanto de outras. É isso que eu falo. O maior feedback, a minha maior felicidade é isso, você chegar para mim e falar “pô, Adamastor, falaram de você, não sei o que”. Não é falar por falar. Hoje o Baby que é um dos caras que é líder da Independente, ele chega para mim e fala “pô, Adamastor, eu queria ser igual a você, de ir nos lugares e ser reconhecido”. Vou falar o que pra ele? “Faz isso, isso e isso”. Não vou falar nada, porque é natural. Eu vou no samba hoje, entro em qualquer escola de samba sou reconhecido. Esse meu trabalho que eu faço, eu sou reconhecido no Rio de

Janeiro, eu já fiz dinâmica de grupo dentro da quadra do Salgueiro. Espera aí, é de graça isso, é comprado? Não é, é natural. Então eu ando lá, “pô, você é o mestre Adamastor? Admiro seu trabalho”. Isso é o cotidiano para mim. Pego inúmeros empresas, pessoas de 20, 30 anos, isso é o meu cotidiano. Cara, foi a melhor atividade que eu já fiz na minha vida. Você está entendendo, Bernardo, não é a relação, hoje a minha base profissional, é a minha vida inteira que eu ponho em cada passo que eu dou. Tudo, na verdade, é a mesma coisa, porque a torcida eu lidei de uma forma, o samba eu lidei da mesma forma, o meu trabalho eu lidei da mesma forma, e na minha família da mesma forma. As vezes eu tenho um confronto com a minha esposa, que ela fala, me cobra algumas coisas, eu falo, você tem que me entender, porque eu sou assim, não consigo mudar, de fato, as minhas atitudes porque está embutido em mim essa relação, mas é herança. Você vê, meu santo é São Judas Tadeu, no espiritismo é Xangô, é o santo da justiça. Como eu posso ser injusto sendo que a minha essência não é essa. Eu só gosto de falar com meus funcionários, aonde eu estou, no samba, só gosto de abrir a boca pontual quando eu tenho a convicção que eu estou certo, porque eu abro a boca, não tem volta, porque que eu abro a boca as pessoas entendem, as pessoas falam, pô, você está certo. É herança. A judiação é saber que em torno de tudo isso, o lado negativo se sobrepõem gigantescamente em cima do lado positivo, do que a gente tem essa relação social numa arquibancada de futebol. Então essa questão das oportunidades... O cara muitas vezes quando ele põem uma camisa de torcida organizada, aquilo é uma armadura para ele, porque lá na casa dele ele não é respeitado, no bairro dele ele não tem respeito, ele não tem dinheiro para comer, mas ele pagou o ingresso, e ali ele está gritando, ele é mais um, ele está sendo abraçado, está sendo respeitado. Torcida organizada é aqui, se eu via um companheiro brigando, eu não queria saber se ele estava certo ou errado, eu ia defender ele primeiro para depois ver o que ele fez. Isso eu levo para o samba, para as minhas coisas, não interessa quem você é, você é meu parceiro ou você é meu adversário? Você é meu parceiro, então vou estar do seu lado até o fim. E isso que eu levo para muitas coisas da minha vida que às vezes as pessoas não entendem, que eu não concordo com muitas atitudes, e principalmente na escola de samba também. Não interessa se a pessoa está certa ou errada, espera aí, está vestindo que camisa, é a mesma? Pessoas com realidades completamente diferentes em prol do mesmo objetivo, essa é a minha história.

B.H. - Você tem dois filhos?

M.A. - Tenho dois filhos.

B.H. - Um casal?

M.A. - Um casal. Tenho uma menininha de sete e um menino de cinco. Fui ter filho tarde.

B.H. - Você conversa com eles essa história de futebol?

M.A. - Ainda não. Eles são muito novos. E eu vou te falar, se você me perguntasse, cara, o que você quer para o futuro dos seus filhos? Eu falo que eu não levaria eles nem para o futebol, nem para samba, porque eu vejo que essa paixão leva a um sofrimento, porque é árduo. E nesse mundo hoje que a gente tem a nossa casa e tem a rua, essa rua está ficando a cada dia mais difícil de você viver. E essa defesa que eles têm que ter naturalmente, então, o que eu puder evitar que eles passem dificuldades, eu vou evitar. Eu sei que tanto numa arquibancada quanto no samba, eles vão ter inúmeras preocupações de convivência, de conquista nesses dois meios. Então eu falo que eu sou uma exceção, eu sou um privilegiado por Deus de conseguir ter tido sucesso, de ter me tornado um empresário. Hoje eu vivo do samba, só que eu não vivo da escola de samba, eu criei o meu nicho de negócio. Eu ia para uma arquibancada, ao mesmo tempo que você vê líderes hoje milionários, eu ia para o futebol em toda a minha história não tinha dinheiro para comprar lanche. A minha calça que eu ia para o estádio era rasgada no meio da perna, e era presidente de torcida. Eu nunca tirei R\$1 da torcida em benefício próprio. É outra característica, é outra história.

B.H. - Para encerrar, Adamastor, queria que você comentasse um pouco, uma especificidade das torcidas de São Paulo foi essa conversão de torcida que passou proibida pelo Ministério Público para escola de samba. Uma tendência, usando um termo importante aí na nossa conversa, uma tendência, fortalecimento dessas instituições, como também grêmios recreativos. Como você vê isso, até que ponto a torcida organizada vai se fortalecer com o movimento de escola de samba e até que ponto o universo carnavalesco sofre com a possibilidade de migração de rivalidades do universo do futebol para do carnaval?

M.A. - Olha, uma visão que eu tenho, o ponto divisor disso eu acho que é a visão empreendedora de uma pessoa. O presidente da torcida organizada, obviamente que é o início, ele vê uma possibilidade muito grande no carnaval. Por quê? Por que ele tem na mão algo que as escolas não têm, as escolas que estão crescendo ou estão se formando, que é o contingente. Porque uma escola de comunidade a coisa mais difícil que tem, e hoje até as grandes escolas, muitas vezes sofrem com o contingente. O que a torcida organizada tem de sobra? O contingente. Então, para ponta pé inicial o líder da torcida ele tem essa possibilidade de pegar esse contingente, traz para o carnaval e se cria uma nova instituição. E aí está uma visão empreendedora, não uma visão de fortalecer a instituição ou a torcida organizada. Eu acho que

até a visão de propagar o nome até existe, vamos tornar a Independente grande, vamos tornar a Mancha grande, o Gaviões, isso sim, mas eu vejo que a maior parcela é a visão empreendedora. Porque como qualquer escola de samba, hoje o que difere o carnaval de empresas... antigamente eu até falava que não tinha fins lucrativos, hoje a escola de samba tem fins lucrativos porque tem a questão da sustentabilidade, então tem que ganhar dinheiro. E algumas escolas de samba ganham muito dinheiro porque tem um patrocínio, tem os subsídios, e por aí vai. Então você imagina, se um cara que é empreendedor vê que tem na torcida organizada uma grande possibilidade, obviamente ele vai partir para um novo negócio. Pela porta dos fundos, não, pela porta da frente. Espera aí, a liga permite que tem torcida organizada? Tanto permite que está lá, então não é ilegal, então porque ser repreendido? Só porque é torcida, não é sambista? Opa, Dragões da Real está aí em São Paulo, tem vários sucessos, está cotada a ser campeã no carnaval. A Mancha Verde já fez inúmeros belíssimos carnavais, Gaviões da Fiel já foi campeã. Opa, espera aí, só porque é torcida não tem seu valor como sambista? A diferença de uma torcida organizada no carnaval, que a ideologia é diferente de uma escola de samba tradicional. As torcidas organizadas têm por sua tendência líderes, e algumas escolas de samba têm por tendência famílias, donas das escolas de samba, se diferenciam demais. E ao mesmo tempo a escola de samba hoje, depois que se fortalece como escola de samba, uma tendência natural o que é? Se separa. Gaviões sofreu esse processo. Vai falar, Gaviões quando era bloco de carnaval era o pessoal da torcida, hoje dividiu. A Mancha Verde ao mesmo tempo, hoje o pessoal da escola de samba tem uma base totalmente só da escola de samba, mas começou com a torcida organizada. A Dragões a mesma coisa, e a Independente também. Espera aí, então a Gaviões, a Mancha, a Dragões não pode apontar o dedo para a Independente “você são torcida”. “Espera aí, garoto, olha a sua história porque você começou desse jeito”. Então é mais ou menos essa relação. Eu até te confesso que eu andei muito no carnaval de São Paulo como profissional, convidado a fazer trabalhos, participei de inúmeras escolas de samba, e eu vejo que uma tendência natural é eu voltar para um lugar ao qual eu não sou estranho. Por mais que eu crie um carinho, por todas as escolas que eu passei, ao qual eu já chorei por essas escolas, ao qual eu já criei um laço de amizade, inúmeros laços por essas escolas, eu ainda vejo que eu era uma pessoa distante da realidade, da essência dessas escolas que eu passei. Ao qual eu vejo como a Independente hoje está no grupo de acesso e pode ir para o grupo especial, tem essa possibilidade, se você me perguntar, eu vejo que tem uma vontade muito grande minha de voltar para casa, de falar, opa, aqui eu não sou estranho. Tem uma história. Então é como se

fosse assim, opa, eu fui dar uma volta, fui fazer um cursinho, deixa eu executar o meu conhecimento aqui dentro. É fácil? Não, não é fácil, mas eu acredito que um curso natural, se assim for o destino, é eu acabar minha carreira de sambista aonde eu dei início que foi na torcida organizada.

B.H. - E muitos integrantes que foram ativos, foram lideranças, tem tido, vamos dizer, um encaminhamento, você mencionou o Dentinho, o próprio Batata, tem atuado nas escolas de samba como destino, uma consequência desse trabalho.

M.A. - Sabe o que é consequência, Bernardo, é que o líder, às vezes, cara, com o passar dos anos naturalmente vai dando outra carga de experiência para os líderes de torcida organizada, e tem uma hora que chega, você não tem a mesma energia, seus próprios objetivos... E o samba faz com que você tenha essa convivência da torcida, mas curtindo de uma outra forma. Deixa eu curtir meu futebol de uma forma diferente, deixa eu curtir minha torcida de uma forma diferente, então é isso que eu vejo que é o lado bom, porque essa essência também tem em escola de samba de torcida. E São Paulo partiu na frente muito mais forte do que Rio de Janeiro. Será que a Raça do Flamengo, será que se a Força Jovem tivesse uma escola de samba no Rio não poderia ser uma potência? É que na verdade tem uma barreira muito grande, mas em São Paulo não tem nada de arbitrário, não tem fora da lei; os presidentes tradicionais de escola de samba tiveram uma restrição forte, mas hoje é uma realidade. E falo mais, a mudança do carnaval de São Paulo em torno da sua grandiosidade, na década de 90 foi isso, se deve a uma escola de samba chamada Gaviões da Fiel, porque o carnaval estava totalmente acomodado na sua época, Gaviões da Fiel se tornou escola de samba, foi disputar o grupo especial, e veio para a época com um carnaval muito grandioso: alegorias grandes fora do padrão, luxo, acabamento, e isso gerou uma riqueza para o carnaval de São Paulo ao qual se deve a Gaviões da Fiel, isso é história. Então tem um lado positivo nisso também, é o que a gente fala, a arma só se aponta, é muito mais fácil falar das coisas ruins. Mas ao mesmo tempo é uma herança, tem a preocupação, e aí, colocar duas escolas de torcida organizada no mesmo dia, tem a preocupação? Tem, mas tem que ter a consciência. Tudo é um trabalho. É nisso que a gente se preocupa, mas ao mesmo tempo não dá para você remar contra a maré. Para São Paulo essa é a realidade.

B.H. - Bom, vamos chegando ao fim desse depoimento. Gostaríamos de agradecer ao mestre Adamastor, Reginaldo, por essa oportunidade. Foi emocionante, foi excelente. Poucas vezes a gente consegue nessas entrevistas realmente chegar ao coração. Muitas vezes você se abriu de

maneira franca, espontânea, isso foi para gente muito especial. Gostaríamos em nome do Museu do Futebol, da FGV te agradecer, Adamastor, muitíssimo.

M.A. - Eu que agradeço a oportunidade e espero poder contribuir um pouco, ter contribuído com a história do nosso futebol, a história de arquibancada, de torcida organizada, para mim foi um privilégio e uma honra ter feito parte dessa história.

[FIM DO DEPOIMENTO]